

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ  
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO SOCIAL,  
EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

**MÁRCIA INÊS STEFANELLO FISCHBORN**

**A SUPERDOTAÇÃO E O DESAFIO DA ESCOLA: UM ESTUDO  
DO CASO DE MARIA CECÍLIA.**

**São Mateus  
2016**

**MÁRCIA INÊS STEFANELLO FISCHBORN**

**A SUPERDOTAÇÃO E O DESAFIO DA ESCOLA: um estudo  
do caso de Maria Cecília**

Dissertação apresentação a Faculdade Vale  
do Cricaré para obtenção de título de Mestre  
Profissional em Gestão Social, Educação e  
Desenvolvimento Regional.

Área de Concentração Gestão Social,  
Educação e Desenvolvimento Regional I.

Orientador: Désirée Gonçalves Raggi

São Mateus  
2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

### Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional

Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus - ES

F528s

FISCHBORN, Márcia Inês Stefanello.

A superdotação e o desafio da escola: um estudo de caso de Maria Cecília. / Márcia Inês Stefanello Fischborn – São Mateus - ES, 2016.

101 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2016.

Orientação: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Desirée Gonçalves Raggi.

1. Superdotação – Altas habilidades. 2. Inclusão escolar.
3. Capacitação do professor. I. Título.

**MARCIA INÊS STEFANELLO FISCHBORN**

**A SUPERDOTAÇÃO E O DESAFIO DA ESCOLA: UM ESTUDO  
DO CASO DE MARIA CECÍLIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional, na área de concentração Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional.

Aprovado em 04 de novembro de 2016.

**COMISSÃO EXAMINADORA**



---

**Profa. Dra. Désirée Gonçalves Raggi**  
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)  
Orientadora



---

**Profa. Dra. Lilian Pittol Firme de Oliveira**  
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



---

**Profa. Me. Luana Frigulha Guisso**  
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



---

**Profa. Dra. Kátia Gonçalves Castor**  
Instituto Federal do Espírito Santo (IFES)

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu Deus, grande Senhor de minha vida;

Ao Carlos, grande companheiro, que incentiva e valoriza minha formação acadêmica e profissional;

A minha filha Sara que sempre me compreendeu e entendeu esse meu sonho;

A minha amiga e parceira Tati, que sempre me apoiou e colaborou para que esse trabalho tivesse êxito;

À Professora Désirée, orientadora que incansavelmente me incentivou e manteve sua visão crítica sobre este trabalho;

À Maria Cecília, que sempre colaborou e participou das conversas, entrevistas com paciência e alegria.

Aos meus colegas de turma, especialmente Odinan, Simone, Vinícius, Bill, George - "Grupo Maravilhoso" - sempre parceiros e amigos que vou levar comigo para sempre.

## RESUMO

FISCHBORN, M.I.S. **A superdotação e o desafio da escola: um estudo do caso de Maria Cecília**. 2016.105f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus, 2016.

Esse estudo teve como objetivo discutir a superdotação e o desafio da escola. Para tanto, investigou o caso de uma aluna diagnosticada com altas habilidades em linguística. A pergunta que norteou o estudo foi assim formulada: Quais as dificuldades enfrentadas pela família e pela escola no atendimento escolar de Maria Cecília, uma criança superdotada? Para elucidar esse problema, foram descritos os conceitos, as percepções a respeito do tema, com amparo teórico na concepção de Renzulli – Teoria dos Três Anéis – e na teoria de Vygotsky sobre a mediação do professor nesse processo. Descrevem-se também as características cognitivas, afetivas e sociais das pessoas superdotadas, fundamentadas por Virgolim e Ourofino/Guimarães. Esse grupo teórico permitiu esclarecer os conceitos de termos como gênio, precocidade, prodígio e superdotação e deu suporte para discutir também, os mitos e ideias errôneas que envolvem o imaginário popular acerca das crianças superdotadas e que dificultam a identificação e compreensão da superdotação. Para realização deste estudo de caso, os dados foram coletados através de entrevistas gravadas com a mãe, a professora e a própria aluna; observações na sala de aula de Maria Cecília, em sua casa e em passeios com a família. Também foram utilizados os quadros elaborados por Virgolim e Ourofino/Guimarães que sintetizam as características de superdotação percebidas em Maria Cecília pela mãe e pela professora. Os resultados apontam que Maria Cecília é portadora de altas habilidades; a professora tem muito pouco conhecimento do tema superdotação e não está apta para trabalhar com Maria Cecília; a atenção e o apoio da família são fundamentais para ajudar na identificação e desenvolvimento dos superdotados. Além disso, o acompanhamento diferenciado da escola é essencial para o desenvolvimento pleno de crianças com altas habilidades/superdotação.

Palavras-chave: Superdotação/Altas Habilidades. Inclusão Escolar. Capacitação do Professor.

## ABSTRACT

FISCHBORN, M.I.S. The giftedness and school challenge: a study of the case of Maria Cecilia. 2016.105f. Dissertation (Professional Master) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus, 2016.

This study discusses the giftedness and school challenge, investigating the case of a student diagnosed with high skills in linguistics. To guide this research was established to investigate the difficulties in the student service with high skills, as school inclusion process, specifically the case of Maria Cecilia. Therefore, the concepts have been described, perceptions on the subject, with theoretical support in the design of Renzulli - the Three Ring Theory - and Vygotsky's theory of the mediation of the teacher in this process. They also describe the cognitive, affective and social characteristics of gifted people. Seeks to clarify the concepts of terms like genius, precocity, prodigy and giftedness. It also discusses the myths and misconceptions that surround the popular imagination about gifted children and hinder the identification and understanding of giftedness. For this survey - case study - data were collected through recorded interviews with the mother, teacher and student own; Maria Cecília observations in classroom, in your home and on outings with the family; and he was also told to the mother and the teacher who met frames with giftedness characteristics perceived in Maria Cecília. The results show that Maria Cecília carries high skills as concepts raised by Virgolim and Ourofino / Guimarães; the teacher is not aware of giftedness issue and is not able to work with Maria Cecília; the family is fundamental to help in the identification and development of gifted. It is therefore essential that there is a differentiated monitoring the school and the family in the overall development of high abilities / giftedness in the individual.

Keywords: Gifted / High Skills. School inclusion. Teacher training.

## LISTA DE SIGLAS

AH	Altas Habilidades
APAHSD	Associação Paulista para Altas Habilidades/Superdotação
OMS	Organização Mundial da Saúde
PNN	Política Nacional de Educação Especial
PUC	Pontífice Universidade Católica
QI	Quociente de Inteligência



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>16</b>
2.1 Superdotação: contextos e conceitos.....	16
2.2 Concepção da superdotação dos Três Anéis.....	27
2.3 Superdotação: características cognitivas, afetivas e sociais.....	31
2.4 Gênio, precocidade, prodígio e superdotado.....	35
2.5 Mitos e ideias errôneas sobre altas habilidades.....	41
2.6 Desafios da escola frente à superdotação.....	47
2.7 Estado da arte: abordagem das universidades sobre o tema.....	50
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>58</b>
<b>4 ANÁLISE DE RESULTADOS.....</b>	<b>62</b>
4.1 História de vida de Maria Cecília.....	62
4.2 A importância da interação entre família e escola no apoio às crianças com altas habilidades.....	67
4.3 Os desafios da professora de Maria Cecília.....	71
4.4 Características de superdotação identificadas em Maria Cecília, conforme os conceitos de Virgolim e Oufino / Guimarães.....	75
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>91</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>94</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>100</b>

## INTRODUÇÃO

A presença de gênios, crianças altamente talentosas, consideradas superdotadas ou portadoras de altas habilidades aguça a curiosidade e o interesse de conhecer melhor temas dessa natureza, pois costumam atrair a atenção das pessoas e comumente são apresentados pela mídia ao grande público mostrando crianças, adolescentes ou adultos notavelmente munidos de aptidões em diferentes áreas de saberes e talentos, tais como esportes, música, artes, raciocínio lógico ou demonstrando extrema capacidade em lidar com palavras e rimas.

Na sala de aula, com alta frequência, principalmente nas séries iniciais, esses alunos são rotulados como “esquisitos”, “estranhos”, e até mesmo considerados incapazes para acompanhar o desenvolvimento cognitivo de sua turma. Tem-se observado que essas crianças e jovens, frequentemente, apresentam desinteresse, baixa autoestima e se sentem segregados.

Maria Cecília<sup>1</sup> é uma criança de 8 anos, que desde muito cedo, chamou a atenção dos pais pelo seu avançado desenvolvimento de linguagem, identificação e associação de letras com palavras e interesse por histórias e livros.

Meus primeiros contatos com os pais de Maria Cecília ocorreram na cidade de Eunápolis-BA. A amizade foi se estreitando logo após o seu nascimento, quando sua mãe expressava a angústia dos pais ao observarem que ela tinha um comportamento diferente de outras crianças da mesma idade. Tal situação gerou em mim um desejo de conhecer mais sobre este tema.

O lar de Maria Cecília é composto por quatro pessoas: o pai, a mãe, ela e a irmã mais nova. Um lar harmonioso, onde a mãe dedica a maior parte do dia na educação das filhas. O pai participa ativamente da educação religiosa das filhas

---

<sup>1</sup> Nome fictício

e demais atividades também. As meninas têm liberdade para brincar do que quiserem e com o que quiserem. Têm a sua disposição todos os tipos de materiais pedagógicos, livros, jogos e brinquedos variados. As meninas têm bastante tempo para brincar, pois a mãe acredita que isso ajuda muito no desenvolvimento motor e cognitivo das filhas.

Maria Cecília iniciou sua vida acadêmica no ano de 2013, em uma escola privada, do ensino Fundamental (I e II) e Ensino Médio, que utiliza o material didático Anglo. Nessa escola, a experiência de Maria Cecília não foi positiva. Segundo relatos da mãe, ela não se adaptou com os colegas e profissionais, o ambiente que mais deveria orientar e dar o devido apoio para garantir o desenvolvimento de crianças com altas habilidades parecia não estar devidamente preparado para tanto. Nesse percurso, mantivemos contatos telefônicos, dessa forma sua mãe compartilhou suas dúvidas, aflições e manifestou o desejo de que Maria Cecília se sentisse bem no ambiente escolar, pois ela, assim como muitos superdotados, teve dificuldade de se relacionar com os colegas. A dificuldade de relacionamentos é uma característica de Maria Cecília que foi manifestada desde bem pequena.

Em 2015, os pais acharam melhor trocá-la de escola e a matricularam na Escola Adventista de Eunápolis. Essa escola possui desde o maternal até o ensino médio. Funciona no turno matutino, utiliza material pedagógico próprio, elaborado pela editora Casa Publicadora Brasileira. Segundo os pais de Maria Cecília, essa escola “combina” mais com sua filha. Eles têm observado que sua filha tem progredido a cada dia.

A pós-graduação em Educação Especial e Psicopedagogia me proporcionou aprofundamento teórico sobre o tema da superdotação e a oportunidade de escrever um artigo sobre a intervenção do psicopedagogo frente ao aluno com altas habilidades. Concomitantemente, a mãe de Maria Cecília estava à procura de ajuda para diagnosticar o que acontecia com sua filha. Os pais fizeram várias viagens até Vitória-ES, em busca de auxílio na tentativa de ajudar Maria Cecília, pois já se havia percebido que era uma criança especial. Com a ajuda de uma equipe multidisciplinar de profissionais capacitados atestaram que Maria Cecília

possui altas-habilidades na área de linguística. A superdotação, hoje, está dividida em áreas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes.

Esse fato aguçou ainda mais o desejo de pesquisar sobre o tema. A inquietação crescia dentro de mim ao saber que alguém tão próximo precisava de ajuda e na cidade em que mora, não encontra o apoio necessário. As dificuldades da família me angustiavam e suscitaram a vontade de descobrir as particularidades dos sujeitos superdotados e os desafios que a escola apresentava. Tal sentimento foi de extrema importância na decisão de aprofundar estudos sobre o caso de Maria Cecília, nesta dissertação.

Espera-se que, através deste estudo de caso, seja possível compreender as nuances que contornam os relacionamentos interpessoais das crianças na sala de aula, os fatores que interferem em sua autoestima e em seu desenvolvimento cognitivo e emocional. O estudo lançará luz sobre o tema e trará subsídios para que educadores - professores, gestores - bem como os pais de alunos superdotados possam refletir sobre essas questões e sentirem-se mais seguros para lidar com tais situações.

O estudo traz contribuições que visam facilitar a identificação de sujeitos portadores de necessidades especiais – superdotação - presentes na sala de aula a fim de proporcionar-lhes atendimento apropriado para que possam desenvolver suas potencialidades e assim, contribuir com melhorias em toda a sociedade.

A educação inclusiva é uma temática amplamente discutida no âmbito educacional, principalmente, quando se trata de abordar formas adequadas de se assistir bem aos alunos com necessidades educacionais especiais. Contudo, as pesquisas se concentram em alunos que apresentam déficits de aprendizagem por limitações, tais como baixa visão, deficiência auditiva, física e mental.

A sala de aula é um lugar privilegiado. Nela encontramos alunos com as mais diversas características e interesses, onde cada um idealiza seu mundo, faz suas

escolhas e traça seus objetivos. Nesse contexto, muitas vezes, são esquecidos e pouco compreendidos os alunos que se destacam por possuírem uma capacidade intelectual acima da média, mas que necessitam de igual atenção, dadas suas peculiaridades. Por falta de conhecimentos, os superdotados não são percebidos como crianças especiais e, normalmente, são ignorados ou mesmo discriminados no seio escolar.

A Lei de Diretrizes Básicas da Educação, Lei nº9. 394/96, traçada pelo MEC, orienta que os alunos possuidores de altas habilidades, salvo em casos extraordinários, serão atendidos em escolas comuns, onde receberão atendimento especial, e terão à sua disposição orientação e materiais adequados.

Esse atendimento deverá ser constituído, conforme o caso e as condições da escola, de uma programação de enriquecimento e aprofundamento curricular, de uma programação de aceleração de estudos, ou de modalidades conjugadas. O dispositivo legal orienta ainda que não haverá preocupação exclusiva com o atendimento ao(s) talento(s) que o superdotado possua, mas a busca na formação harmoniosa de sua personalidade (MEC, 2006)

Esses alunos necessitam de acolhida e assistência adequadas para que possam desenvolver seus talentos no interior do ambiente escolar, em interação com seus colegas. Estes, também precisam ser orientados pelos educadores para que possam acolhê-los e compreender suas peculiaridades. Cabe à escola desenvolver mecanismos que incentivem essa interação, pois muitos alunos com altas habilidades são rotulados como bagunceiros ou hiperativos, pois denotam falta de interesse pelos conteúdos estudados, uma vez que os aprendem com muita facilidade.

Muitas vezes, a equipe escolar, constituída pelo professor, coordenador, psicólogo, psicopedagogo, diretor e outros, sequer percebe a existência de sujeitos superdotados em sala de aula. Isso ocorre pelo desconhecimento de suas características. Assim, é preciso que os professores, em interação com a

família, estejam atentos para identificar se, entre os alunos, convivem aqueles com características que os tornam diferentes dos demais.

Estudos sobre o tema apontam que os superdotados, além da inteligência acima do normal, apresentam a linguagem e a criatividade, entre outros aspectos comportamentais, bem desenvolvidas. Normalmente, tem grande facilidade para expor suas ideias, emprega um vocabulário de nível superior à idade, demonstra interesse pela leitura acima da média da turma, bem como, facilidade para lidar com novos códigos linguísticos e originalidade na comunicação, entre outros elementos da linguagem criativa.

Os superdotados, muitas vezes considerados gênios, são indecisos e não são aptos a entender todas as áreas de conhecimento. Há uma diversidade de interesses nesses sujeitos que vai desde os cálculos matemáticos até a aptidão para artes, música, esporte, culinária, linguagem, dentre outras áreas.

O atendimento dessas crianças requer a presença de profissionais especializados na área (psicólogos e uma equipe multidisciplinar) que identifiquem, diagnostiquem suas altas habilidades e que possam desenvolver seus talentos e não ser mais um aluno “gênio em matemática” que passou pela escola, sem ter sua superdotação percebida e desenvolvida.

O problema norteador desta pesquisa está assim formulado: Quais as dificuldades enfrentadas pela família e pela escola no atendimento escolar de Maria Cecília, uma criança superdotada?

Nesse contexto, essa pesquisa tem como objetivo geral investigar as dificuldades no atendimento do aluno com altas habilidades, como processo de inclusão escolar, especificamente o caso de Maria Cecília – diagnosticada com QI de 155- e habilidades excepcionais em linguagem, independência e fluência de pensamento, produção textual, julgamento crítico e habilidade para resolver problemas. Para tanto estão estabelecidos como objetivos específicos, os seguintes:

- a) Elaborar uma sustentação teórica com base nos fundamentos de Renzulli, Virgolim, e Fleith.
- b) Aprofundar os conceitos de gênio, superdotado, prodígio e precocidade e associar aos conceitos de superdotação com a teoria dos Três Anéis de Renzulli.
- c) Investigar as dificuldades e desafios enfrentados pelos pais de Maria Cecília
- d) Enumerar as características da superdotação apresentadas pela aluna Maria Cecília, por meio de entrevistas semiestruturadas e observações na sua casa.
- e) Investigar, através de entrevistas semiestruturadas, as condições de preparo dos educadores da escola de Maria Cecília, para atendimento de alunos superdotados.
- f) Fazer uma análise comparativa das características comuns aos possuidores de altas habilidades com as identificadas em Maria Cecília.

Para responder aos objetivos pretendidos, o estudo foi constituído de uma fundamentação teórica sobre a superdotação/altas habilidades. A pesquisa é metodologicamente caracterizada como estudo de caso. Para compreender as dificuldades enfrentadas pela família e pela escola, realizou-se entrevistas com sua mãe, sua professora e com Maria Cecília. Também foram realizadas observações dos comportamentos apresentados por Maria Cecília em sua residência e em sua sala de aula.

O texto está estruturado em 4 capítulos. O capítulo um apresenta a introdução. O capítulo dois a fundamentação teórica: contexto, conceitos, diferença de termos como gênio, precocidade, prodígio e superdotação; teoria dos Três Anéis, características cognitivas, afetivas e sociais, mitos e ideias errôneas sobre altas habilidades e desafios da escola frente à superdotação. O capítulo três apresenta metodologia utilizada para a realização da pesquisa. E o capítulo quatro a análise dos resultados.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Superdotação: contextos e conceitos

Os estudos sobre inteligência são milenares. Foi na Grécia Antiga, há mais de 2.300 anos, que surgiram os primeiros conceitos de inteligência descritos por Platão. Segundo sua concepção, o fato de uma pessoa ser mais inteligente está ligado a uma ordem predeterminada por Deus. Sendo assim, segundo Platão, os fatores genéticos e sociais não teriam nenhuma influência (PIMENTA, 2013). Isso era natural para a época, pois naquele período não havia ainda estudos científicos dedicados a esse tema. A concepção filosófica para o estudo do ser humano se prolongou até a segunda metade do século XIX, mas a partir desse período outras concepções surgiram, pois pesquisas e estudos sobre o assunto despertaram a atenção de outros estudiosos como Binet, Galton e Terman.

Em 1905, o psicólogo francês Alfred Binet (1857-1911), que, na época, estava envolvido com pesquisas para medir as habilidades mentais humanas, foi procurado pelo ministro da Educação da França que pretendia estender o acesso à escola para todas as crianças. Porém, para que o ensino fosse adequado a todos, acreditava ser preciso ofertar propostas pedagógicas específicas para aqueles que tivessem dificuldade de aprendizagem. Binet elaborou, então, uma bateria de 30 tarefas de dificuldades progressivas. O resultado mostrava se as habilidades da criança estavam de acordo com o esperado para sua idade, ou seja, se ela era “normal ou retardada”. Nasceram assim, há 100 anos, as bases do teste de Quociente de Inteligência (QI) (GIRARDI, 2005, EDIÇÃO 219).

Alfred Binet não foi o primeiro estudioso a buscar uma técnica para medir habilidades mentais. No final do século 19, o antropólogo inglês Francis Galton se baseou na teoria da evolução formulada por seu primo, Charles Darwin, e concluiu que a inteligência é uma característica hereditária. Em 1884, montou um laboratório de testes psicofísicos (comparação de pesos, acuidade auditiva e reação a estímulos), porque acreditava que quanto maior o nível intelectual, maior a coordenação motora e capacidade de percepção sensorial. Apesar de sua teoria ter se mostrado, mais tarde, reducionista, o trabalho de Galton difundiu



a ideia de que era possível medir a capacidade intelectual. Mas foi só com Binet, 20 anos depois, que o teste ganhou a forma que prevalece até os dias atuais (GIRARDI, 2005, EDIÇÃO 219).

Mas não foi de Binet a ideia que consagrou o teste de QI, ou seja, uma representação por um índice numérico para o nível de inteligência de cada sujeito. Essa ideia só surgiu em 1912, com o psicólogo alemão Wilhelm Stern, que propôs a medida do “Quociente de Inteligência”: divisão da idade mental pela cronológica. Assim, uma criança de 6 anos, com idade mental de 8, tem um quociente de 1,33 (8 dividido por 6), que posteriormente foi multiplicado por cem e que, hoje, daria um QI de 133 (GIRARDI, 2005, EDIÇÃO 219).

O teste de QI padronizado, criado por Alfred Binet e aperfeiçoado pelo psicólogo Lewis Terman, da Universidade de Stanford, passou a ser conhecido como Stanford-Binet, usado para determinar a idade mental do indivíduo. O cálculo é feito pela divisão da idade mental pela idade cronológica. Este resultado deve ser multiplicado por 100. Na prática é difícil determinar a idade mental de uma pessoa e é para isso que servem os testes. A partir de uma normalização de resultados, o QI tem um valor médio estabelecido em 100. Desse número, estipula-se um desvio padrão de 15. Ou seja, a inteligência média está nos resultados que vão de 85 a 115. É nessa faixa que estão, aproximadamente, 90% da população. Abaixo desse valor, é sinal de que pode haver algum tipo de comprometimento intelectual. Acima, estão aqueles que possuem um desenvolvimento cognitivo mais avançado. Se o resultado der mais de 130, o indivíduo pode ser considerado um superdotado - ou um gênio. Mas eles representam apenas 2% de todo o mundo (UOL EDUCAÇÃO)

Em 1916, o psicólogo americano Lewis Terman, da Universidade Stanford, incluiu na fórmula de Stern a multiplicação por 100 (para eliminar a vírgula dos valores) e divulgou pela primeira vez a sigla QI. Ele também definiu como padrão médio de QI o número 100, criando a Escala Stanford-Binet, usada até hoje (GIRARDI, 2005, p.1)

Alguns psicólogos defendem que, dentre os exames que existem, os de QI dão a medida mais aproximada de g- fator geral - e, por isso, são muito úteis. “[...] O mundo está mais complexo, o mercado de trabalho, mais exigente. Os testes são a melhor forma de identificar rapidamente quem tem maior capacidade intelectual [...]”, diz Carmen Flores-Mendoza (2006), do Laboratório de Avaliação das Diferenças Individuais da Universidade Federal De Minas Gerais. Carmem garante que, se forem comparadas duas pessoas, uma com QI 120 e outra com QI 100, a primeira terá nitidamente uma vantagem qualitativa. “[...] Ela é realmente mais inteligente que a segunda, não só na velocidade da tomada de decisões como na precisão das decisões” (GIRARDI, 2005).

As pessoas com altas habilidades/superdotação apresentam alguns indicadores de forma isolada ou combinados. São, geralmente, "indivíduos criativos e produtivos" (RENZULLI, 2004). Destacam-se em diferentes "áreas do saber e do fazer social" e estão presentes em qualquer população em um percentual que gira em torno de 1% a 10% (METTRAU 2000).

Ainda , segundo a Associação Paulista para Altas habilidades/Superdotação, quantitativamente, a Organização Mundial da Saúde (OMS) coloca a porcentagem dos Alto Habilidosos em 5% por cento de qualquer população. Ou seja, em uma escola com 500 alunos, 25 teriam Altas Habilidades. Seguindo este raciocínio, temos 4 milhões de superdotados em São Paulo. Entretanto, o índice da OMS leva em conta somente pessoas com Altas Habilidades cognitivas, ou seja, não estão incluídos neste índice Habilidades Artísticas, Corporais, Musicais, etc.. A estimativa que se faz, segundo pesquisas da Associação Paulista para Altas Habilidades/Superdotação (APAHSD) é de que a porcentagem de Altos Habilidosos em uma população seja de 10% (dez por cento), em média (APAHSD).

Mas, são também considerados possuidores de altas habilidade aqueles que apresentam, conforme o documento “Subsídios para Organização e Funcionamento de Serviços de Educação Especial – Área de Altas Habilidades” (BRASIL, 1995, p. 17):

Portadores de altas habilidades/superdotados são os educandos que apresentam notável desempenho e elevada potencialidade em qualquer dos seguintes aspectos, isolados ou combinados: capacidade intelectual superior; aptidão acadêmica específica; pensamento criativo ou produtivo; capacidade de liderança; talento especial para artes e capacidade psicomotora.

Devido a esses fatores, as pesquisas atuais indicam a necessidade de um atendimento docente especializado, pois a escola é considerado o ambiente mais importante e adequado para que as potencialidades do aluno se desenvolvam de forma satisfatória, sem prejuízo para o sujeito.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9.394/96, no capítulo V, na especificidade da educação Especial, destaca a que

[...] propõe um ensino diferenciado, preferencialmente, na rede regular de ensino para esses alunos e orienta sobre as possibilidades educativas a serem desenvolvidas por professores, que devem ser capacitados e especializados, respectivamente, para o atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos.

Pesquisadores como Renzulli (2004), Mettrau (2000) e Landau (2002) se especializaram nesse campo de estudos e concordam sobre a importância da opinião e do juízo do professor na identificação e indicação dos alunos com superdotação para programas específicos de atendimento. Os especialistas relatam que há superficialidade de conhecimento dos professores, nessa área específica. Na opinião desses estudiosos, esse déficit, vem prejudicando em muito, a implementação das ações previstas e regulamentadas na legislação, principalmente nas instituições de ensino. Em suas pesquisas, esses estudiosos desenvolveram concepções de ordem teórico-prática para explicar aspectos referentes às altas habilidades, sobre as quais passamos a relatar.

Érica Landau (2002, p.27) utiliza o termo superdotado e propõe um sistema Interativo de Superdotação entre o mundo interior da criança e o ambiente que desafia e estimula as habilidades: inteligência, criatividade e talentos. A autora entende que o estímulo emocional deve ser oferecido pelo ambiente, visando o fortalecimento do seu ego, transmitindo-lhe a coragem para valer-se dos seus

talentos. Em sua concepção, enquanto o estímulo intelectual proporciona a informação, o significado e o preparo para os desafios; o ambiente fornece a motivação para a concretização de toda a sua potencialidade. A figura 1 ilustra a questão da superdotação.

Analisando esse sistema, observa-se que a base (1-3) e a lateral esquerda (2-3) do triângulo, cujo ápice está para cima, representam o mundo interno da criança; o lado direito (1-2) corresponde ao ambiente (6). O estímulo emocional (2) – liberdade e segurança – oferecido pelo ambiente, fortalece o ego (4) da criança, ao transmitir-lhe coragem para usar os talentos (3).

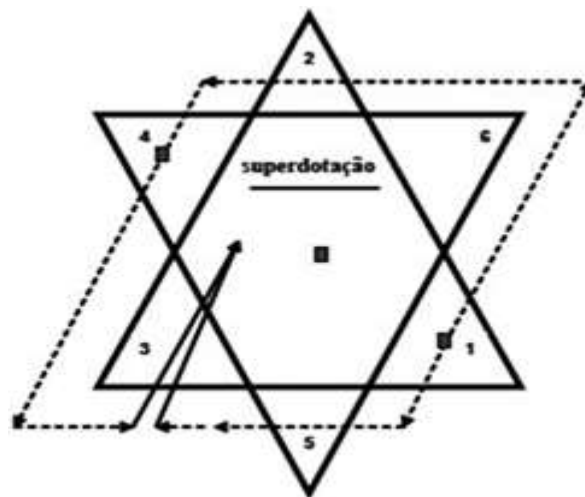


Figura 1 – Sistema Interativo de Superdotação  
Fonte: LANDAU, 2002

São várias as teorias do desenvolvimento humano. Contudo, Piaget (1956), em seus estudos, demonstra como, ao longo desse processo, cruza-se a filogênese, relacionada aos determinantes biológicos da espécie, com a ontogênese, que envolve os aspectos culturais.

O enfoque piagetiano da construção da inteligência permite compreender de que modo a interação desses dois aspectos vai delineando cada ser humano como um indivíduo diferenciado e único.

Giffoni (2010, p.8) toma por base o conceito de Piaget e afirma que

[...] assume importância o entendimento de que a assimilação e, conseqüentemente, a aprendizagem acontecem devido à modificação de estruturas mentais, cujas conexões e rearranjos vão determinando as características que a inteligência adquire em cada fase do desenvolvimento. Esse mecanismo pode ser encontrado tanto nos indivíduos com altas habilidades/superdotação como naqueles ditos "normais", uma vez que o mesmo processo é responsável pela evolução de todos os seres humanos, que é contínua e não dá saltos [...].

Há uma discussão sobre as variações que ocorrem nos sujeitos com altas habilidades/superdotação, desde que iniciam suas aprendizagens. Segundo as ideias de Piaget (1956), admite-se que o processo que leva à evolução de um estágio de desenvolvimento para o seguinte é o mesmo para todos os indivíduos e que o que vai produzir diferenças entre um dito "normal" e outro considerado "superdotado" e até entre "superdotados" é o modo e o ritmo como as estruturas cognitivas se organizam nas tentativas de entender o mundo e se adaptar a ele. Entretanto, como se explicar que uma criança de dois anos (no estágio sensório-motor ou até no pré-operatório) com um pensamento abstrato suficientemente desenvolvido e eficaz consiga realizar operações de cálculo muito complexas, por exemplo.

Renzulli (2004) dividiu a superdotação em dois tipos: a escolar ou acadêmica e a produtivo-criativa. O autor acredita que as duas são igualmente importantes e que normalmente são correlatas e orienta que os programas especiais deveriam apoiar ambos os tipos.

A superdotação acadêmica “[...] é o tipo mais facilmente mensurado pelos testes padronizados de capacidade e, desta forma, o tipo mais convenientemente utilizado para selecionar alunos para os programas especiais” (RENZULLI, 2004). Os alunos que são superdotados academicamente, na maioria das vezes, apresentam um rendimento acima da média nas áreas mais valorizadas pela escola, a Matemática e o Português. Sobre esse assunto, Renzulli (1998) afirma que: “[...] são exatamente os tipos de capacidades mais valorizadas nas situações de aprendizagem escolar tradicional, que focalizam as habilidades analíticas em lugar das habilidades criativas ou práticas”. Afirma ainda que a

acadêmica se manifesta em diferentes graus e pode ser identificada pelos testes padronizados de inteligência, mas isso (alto escore em testes de QI) não é condição para o aluno obter sucesso escolar.

Os testes padronizados são utilizados para se medir o QI ,quando, após se detectar alguma característica de superdotação, principalmente, nas áreas de linguagem e matemática. Sobre esse assunto, Winner (1998, p. 15) afirma que

[...] os testes de QI medem uma estreita gama de habilidades humanas, principalmente facilidade com linguagem e número. Há poucas evidências de que superdotação em áreas não acadêmicas, como artes ou música, requeiram um QI excepcional [...].

Embora existam muitos testes na internet, Fleith (2007) explica que não há teste de QI universal. Ele é adaptado para cada idade. A cultura local ou nacional também está inserida no contexto; e os testes na internet são mero entretenimento. Por exemplo, se uma criança de 6 anos consegue resolver um teste de português – linguística - elaborado para uma criança de 8 anos , se divide 8 por 6 e obtém-se o escore(resultado) que é multiplicado por 100. Com o tempo, um estudioso acrescentou a isso um escore padronizado, que representa a porcentagem de pessoas com desempenho mais baixo que o daquela cujo QI se pretende determinar. Então, o QI de um sujeito é determinado com base na quantidade de pessoas de um determinado grupo que alcançam escores maiores ou menores do que ele (MELÃO JÚNIOR, 2003, p.3).

Dessa maneira, os testes padronizados não privilegiam áreas mais subjetivas, como, habilidades cinestésicas - habilidade de usar o corpo inteiro ou parte dele para a realização de tarefas - sendo assim, há uma parcela da população que não está incluída nas estatísticas. Quantitativamente, a OMS leva em conta somente pessoas com Altas Habilidades cognitivas, ou seja, não estão incluídos neste índice Habilidades Artísticas, Corporais, Musicais (RENCH 2005; FREITAS, 2005)

Assim, como não existe consenso a respeito de uma conceituação para a superdotação, também não há consenso em relação às denominações para os seus níveis. Os termos encontrados nos manuais dos testes não se mostram

esclarecedores, entretanto, os mais usados são: brilhante/levemente superdotado (115-129); moderadamente superdotado (130-144); altamente superdotado (145-159); excepcionalmente superdotado (160 - 175); profundamente superdotado (175 ou +) (PALACIOS, 2009; MANZANO, 2009). O outro tipo, a superdotação produtivo-criativa, é descrito por Renzulli (2004, p. 83) como sendo

[...] aspectos da atividade e do envolvimento humanos nos quais se incentiva o desenvolvimento de ideias, produtos, expressões artísticas e originais e áreas do conhecimento que são propositalmente concebidas para ter um impacto sobre uma ou mais plateias-alvo [...].

Assim, o aluno produtivo-criativo é levado a utilizar seu pensamento para produzir novas ideias, materiais inéditos; passa de simples consumidor para produtor de conhecimento.

Para que essas características sejam identificadas e trabalhadas com êxito, é necessário que o ambiente escolar seja propício e o trabalho consciente do professor é imprescindível. Estar atento, quanto às relações estabelecidas em sala de aula é importante para que o aluno com altas habilidades não se sinta excluído, desmotivado ou desanimado.

Em geral, sabe-se que “[...] as crianças rotuladas como superdotadas têm mais problemas sociais do que as não assim rotuladas [...]” (WINNER, 1998, p. 179). Assim, para a criança com altas habilidades, carregar um rótulo como esse não é algo fácil. Nesse sentido, Winner (1998, p. 179) complementa “[...] rotular uma criança como superdotada a pressiona a desempenhar como uma criança superdotada e aumenta seu sentimento de ser diferente”. Quando a rotulação é estabelecida, cumpre ao professor o papel de mediar à situação entre o superdotado e os colegas, para que não se instalem conflitos que podem incorrer em problemas de convívio. As relações interpessoais entre eles podem ocasionar sentimentos de desprezo, rejeição e até afastamento dos colegas.

É difícil mensurar o quanto uma criança com habilidades superiores pode se sentir diferente das demais. Esse estado pode lhe causar introversão. Como observa Winner (1998, p. 175),

[...] algumas crianças superdotadas, certamente, voltam-se para dentro porque são banidas por serem tão diferentes. Porém, crianças superdotadas de todos os tipos são também introvertidas porque sabem como ficar sozinhas, são capazes de derivar prazer da solidão [...].

A partir do momento que encontram prazer na solidão, torna-se cada vez mais difícil se relacionar com os colegas, pois descobrem interesses diferentes dos demais e acabam se “fechando”, abstraindo para si aquilo que julgam interessante e prazeroso. Esse comportamento gera um afastamento por parte dos colegas e o distanciamento só tende a aumentar.

Tais evidências impõem reflexões sobre a importância de se criar um espaço de encontro para que crianças com altas habilidades sejam adequadamente inseridas no ambiente escolar, considerando que as interações necessárias ao desenvolvimento humano ocorram de forma mais harmônica e normal possível.

Para se promover o desenvolvimento do aluno, a mediação do professor tem papel importante nesse processo.

Vygotsky (1988) preconiza que a relação entre aprendizagem e desenvolvimento é dialética e a mesma não se restringe à escola, pois essa relação se dá em uma perspectiva mais ampla, ou seja, no interior das relações estabelecidas com o meio social. Nesse sentido, cabe à escola, através do professor, desempenhar o importante papel de mediadora desse processo. O professor, como mediador, precisa atuar na chamada zona de desenvolvimento proximal de seu aluno - revela as funções que ainda não amadureceram que estão em maturação, caracterizando-o prospectivamente possibilitando ao indivíduo que se torne real seu desenvolvimento potencial.

Segundo Vygotsky (1998), é através da interação com outros sujeitos de seu grupo social que a criança incorpora os instrumentos culturais. O autor destaca a importância das interações sociais - mediação e da internalização como aspectos fundamentais para a aprendizagem - defendendo que a construção do



conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas.

Nesse sentido, Costa (2002, p.10) pontua que,

É fundamental ao indivíduo permanecer no seu contexto, aprender a conviver com suas diferenças, realizar trocas com os demais e ampliar sua comunicação. Este posicionamento não impede, no entanto, que se desenvolvam projetos de grupos onde as pessoas portadoras de altas habilidades possam falar de seus sentimentos, receber orientação e dividir com outras pessoas de mesmas características, os espaços de criação [...].

Dividir suas angústias, anseios, dúvidas e aflições com seus pares proporcionarão a essas crianças com superdotação troca de experiências e convívio social.

Quando não há essa interação, a criança pode desenvolver mecanismos de defesa para minimizar os efeitos dessa segregação. Pesquisadores como Winner (1998, p.193) e Extremiana (2000, p.102) apontam o subaproveitamento como um desses mecanismos de defesa, que podem surgir em dois casos distintos: como forma de “camuflar” a sua alta habilidade e ser aceita pelo grande grupo; ou ainda quando um ambiente escolar não desafiante causa-lhe desinteresse pelos estudos.

Virgolim (2007, p.66) afirma que:

Os alunos com altas habilidades necessitam de serviços educacionais diferenciados que possam promover seu desenvolvimento acadêmico, artístico, psicomotor e social, o que inclui métodos de ensino adaptados às suas necessidades especiais. No contexto brasileiro atual, torna-se necessário que o país abra suas portas às modernas evidências de pesquisa sobre o indivíduo portador de altas habilidades, e que considere seu potencial como promotor do desenvolvimento tecnológico, cultural e educacional da nossa nação. Não podemos desperdiçar nossas inteligências; há por toda parte um rico manancial de jovens esperando por melhores oportunidades e desafios às suas capacidades [...].

É importante salientar que os professores precisam estar preparados para atender adequadamente a esse grupo de alunos. Sabe-se que não basta que o professor domine a sua área de conhecimento, sobretudo é importante que ele

utilize também estratégias que favoreçam o desenvolvimento integral do aluno, que possibilite o treino de habilidades cognitivas diversas e que saiba criar, em sala de aula, um ambiente favorável à exploração e à descoberta, à produção de ideias e de conhecimento.

Sobre a mediação exercida pelo professor, Vygotsky (1998) chama atenção para a ação recíproca que existe entre o organismo e o meio e atribui especial importância ao fator humano presente no ambiente.

Para Vygotsky (1998), como ressalta Matui (1995), a ideia de aprendizado inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos no processo. Assim, a figura do professor como mediador ganha destaque, pois ele é o elo entre o aluno e o conhecimento. Vygotsky (1998) afirma que “[...] a aprendizagem deve ser coerente com o nível de desenvolvimento da criança, pois existe uma relação entre determinado nível de desenvolvimento e a capacidade potencial de aprendizagem [...]”.

Guenther (2006) e Virgolim (2007) deixaram clara a grande importância do professor como a pessoa mais provável de realizar a detecção de indicadores de altas habilidades, pois ele é quem passa boa parte do tempo com esses alunos e, dependendo das condições da família, poderá ser o único a perceber que seu aluno é “especial”, se diferencia dos outros quando resolve uma tarefa rapidamente, faz questionamentos “anormais” e demonstra criatividade diferenciada dos demais.

A partir do momento em que essa criança é identificada como superdotada, é necessário que se converse com os professores e colegas, para que haja estímulo ao seu desenvolvimento. Uma criança superdotada, que não é aceita pelo professor e colegas, pode desenvolver características como timidez, desinteresse, e pode ser desprezada pelos colegas. Consequentemente, isso acarretará um desenvolvimento social, afetivo e cognitivo específicos, que muitas vezes são prejudiciais a eles.

Com o intuito de conhecer um pouco mais os sujeitos com altas habilidades/superdotação e como agem diante de diversas situações, é necessário conhecer como se caracterizam emocionalmente, socialmente e cognitivamente, para que seja possível ajudá-los em seu desenvolvimento cognitivo e social. Para tanto, abaixo essas características são relacionadas.

## **2.2 Concepção da superdotação dos Três Anéis**

Com o intuito de esclarecer melhor quem é a pessoa com altas habilidades, será apresentada a concepção de Renzulli sobre os alunos com altas habilidades, considerando-se que este autor norte-americano é um dos mais respeitados, na atualidade, sobre o tema aqui exposto.

No início dos anos 60, quando Renzulli iniciou seus estudos sobre superdotação, a maioria dos programas separava os alunos identificados em classes especiais em turno integral ou salas de recursos em tempo parcial para os alunos pré-selecionados. Os programas típicos nas escolas consistiam, principalmente, na aceleração do conteúdo ou conglomerados de atividades de enriquecimento desconexas, frequentemente baseadas nos temas e unidades de estudo favoritos de cada professor ou tendenciosas atividades para desenvolver o pensamento.

Após análises e estudos, o autor concluiu que há duas categorias de Altas Habilidades/Superdotação: a acadêmica e a produtivo-criativa, sendo que ambas podem se manifestar em um mesmo indivíduo.

A primeira, facilmente identificada em testes de QI- Quociente de Inteligência – ou testes de habilidades cognitivas está relacionada às áreas de linguística ou lógico-matemática. Nessa categoria, seu desenvolvimento tende a priorizar a aprendizagem dedutiva, o treinamento estruturado, armazenamento e a recuperação das informações. A segunda categoria tem suas capacidades direcionadas à criatividade. O aluno, geralmente, é mais questionador, imaginativo e inventivo na resolução de problemas. Renzulli (1986, p. 83) entende a categoria produtivo-criativa como

“[...] aspectos da atividade e do envolvimento humanos nos quais se incentiva o desenvolvimento de ideias, produtos, expressões artísticas e originais e áreas do conhecimento que são propositalmente concebidas para ter um impacto sobre uma ou mais plateias-alvo”.

Após inúmeras pesquisas revisadas pelo autor, surgiu a ideia de superdotação produtivo-criativa e da Concepção de Superdotação dos Três Anéis (RENZULLI, 1978, 1982b, 1986). Também foram revisados numerosos estudos de caso sobre pessoas com realizações incomuns (jovens e adultos), que não teriam sido identificadas ou atendidas em programas especiais se se considerassem somente os escores de testes de capacidade cognitiva.

Esses estudos levaram o autor a formar o conceito dos Três Anéis, que analisa três aspectos na identificação das altas habilidades, além dos conhecimentos cognitivos, o estudioso identificou também que criatividade e comprometimento com a tarefa são imprescindíveis na identificação do aluno com superdotação. “as crianças superdotadas e talentosas são aquelas que possuem ou são capazes de desenvolver este conjunto de traços e aplicá-los a qualquer área potencialmente valorizada do desempenho humano” (RENZULLI, 1978, p. 261). Aqui, a intenção do autor não é que os alunos manifestem os três agrupamentos, mas que consigam desenvolver essas características.

Na identificação de alunos com altos níveis de superdotação acadêmica, normalmente, se considerava escores de testes, notas escolares ou realizações anteriores, classificações do professor. Mas a natureza temporal e contextual da criatividade e do comprometimento com a tarefa requer a observação desses comportamentos em situações nas quais tais comportamentos são manifestados. O contato com pessoas conceitos ou conhecimentos específicos provocam interações dinâmicas, despertando interesse e entusiasmo com o tema, área de estudo, ideia ou evento que acontece no ambiente escolar.

A essência do modelo de Renzulli visa fornecer uma ampla variedade de experiências de enriquecimento geral a um número maior de alunos com capacidades acima da média e utilizar o resultado dessas experiências para determinar quem são esses alunos e por quais áreas de estudo eles devem passar.

Segundo o autor, a parte mais importante da Concepção da Superdotação dos Três Anéis é encorajar os jovens talentosos a aplicar sua capacidade, criatividade e comprometimento com a tarefa na solução de problemas de suas escolas e comunidades, que são significativos para eles. Isso resultará no desenvolvimento de valores centrados no uso das habilidades e dos talentos de cada um para melhorar o mundo.

É importante salientar que a superdotação, segundo Renzulli, se manifesta quando ocorre a interseção dos três anéis, ou seja, um único anel não corresponde a superdotação. Para um melhor entendimento, a seguir serão descritos cada um dos anéis.



FIGURA 2 – Modelo dos Três Anéis (RENZULLI, 1998)

Ao expor os três aspectos apresentados por Renzulli, Virgolim (2007, p.37) afirma que a habilidade acima da média envolve a habilidade geral e a específica. A primeira se refere à capacidade de processar informação, agregar experiências que são resultados de respostas apropriadas – adaptação a situações novas e utilização do pensamento abstrato. Raciocínio verbal e numérico, relações de espaço, memória e fluência verbal são exemplos de sujeitos de possuem essa habilidade, que são medidas por teste de aptidão geral ou inteligência. A habilidade específica ocorre quando o sujeito adquire

conhecimento, ou habilidade para executar uma ou mais atividades especializadas, dentro de uma gama restrita. São exemplos dessa habilidade: química, balé, matemática, composição musical, escultura e fotografia.

Distintamente da habilidade geral, a específica não é facilmente reconhecida na escola e também não é contemplada nos testes padronizados de inteligência. Uma alternativa para avaliar as habilidades específicas seria uma observação dessas habilidades por um determinado período, incluindo opiniões de diferentes profissionais relacionados à área em questão (RENZULLI, 1998).

O segundo aspecto apresentado por Renzulli, citado por Virgolim (2007, p.37) é o envolvimento com a tarefa se refere a um expressivo nível de interesse, grande motivação e empenho pessoal que o possuidor de altas habilidades investe em uma área específica de desempenho. Esse aspecto inclui características como: perseverança, dedicação, esforço, autoconfiança e crença que sua habilidade pode desenvolver um trabalho importante e que pode ser traduzido em termos como perseverança, paciência, autoconfiança e crença na própria habilidade de desenvolver um trabalho. Trata-se de um ingrediente muito presente naqueles indivíduos que se destacam por sua produção criativa. Essa é uma característica marcante muito presente em indivíduos que se destacam por sua produção criativa.

A criatividade é o terceiro aspecto determinante na personalidade dos indivíduos que se destacam em alguma área do saber humano. Outros aspectos que aparecem juntos a essa característica são: fluência, flexibilidade, originalidade de pensamento, abertura a novas experiências, curiosidade, sensibilidade e coragem para correr riscos. Conforme Alencar & Fleith (2001), na criatividade, constata-se uma multiplicidade de concepção. De acordo com essa concepção, deve-se ressaltar que, para as autoras, a criatividade não está exclusivamente relacionada à área artística, mas a qualquer área de interesse do aluno; acreditando-se que o seu desenvolvimento e a motivação dentro do campo de interesse vêm ampliar as possibilidades de sucesso, satisfação pessoal e alto nível de produtividade. A criatividade é, seguidamente, utilizada como atributo da pessoa talentosa, gênio, criadores eminentes ou pessoas altamente criativas.

Esta característica envolve, entre outros: originalidade de pensamento, aptidão para deixar de lado as convenções e talento para projetar e realizar projetos originais.

Com a descrição dos três aspectos que fazem parte da concepção de superdotação dos Três Anéis, pode-se constatar que para Renzulli, a superdotação produtivo-criativa está mais presente nos anéis da criatividade e do comprometimento com a tarefa. Mas a superdotação acadêmica, apresenta maior intensidade no anel da capacidade acima da média que

[...] tende a permanecer estável no decorrer do tempo, as pessoas nem sempre mostram o máximo de criatividade ou comprometimento com a tarefa”, enquanto que “as pessoas altamente criativas e produtivas têm altos e baixos no rendimento de alto nível” (REZZULLI, 2004, p. 83).

No entanto, tanto os alunos do tipo produtivo-criativo quanto do tipo acadêmico devem apresentar os três anéis, embora a intensidade deles possa ser diferente nos dois tipos de superdotação.

### **2.3 Superdotação: características cognitivas, afetivas e sociais.**

As características emocionais, psicológicas e intelectuais, típicas dos superdotados, é um tema que desperta um interesse cada vez maior, na área da superdotação. Entender e conhecer essas características importantes é necessário para que isso repercuta de forma positiva nas questões educacionais e no desenvolvimento de pessoas superdotadas.

Assim como as crianças com necessidades especiais – portadores de deficiências de quaisquer naturezas - sejam auditivas, visuais ou intelectuais, os possuidores de altas habilidades também precisam de atenção e atendimento especial.

Muitos autores diferem na forma como abordam o tema altas habilidades/ superdotação, no entanto, algumas características são comuns a todos eles. Destacam-se aqui características emocionais, sociais e intelectuais e algumas habilidades peculiares que os identificam.

As crianças que apresentam a superdotação escolar tendem a apresentar as seguintes características cognitivas: excelente raciocínio verbal e/ou numérico; facilidade na aprendizagem; intolerância com as atividades repetitivas; desempenho diferenciado nos resultados avaliativos, expressos pelas boas notas; facilidade de memorização; apresenta maior nível de curiosidade; perseverança; leitor contumaz; apresenta longos períodos de concentração; apresenta grande vocabulário; é um consumidor de conhecimento; tendência a gostar do ambiente escolar. Essas habilidades podem gerar preconceito e virem a sofrer bullying por parte dos colegas. Muitas vezes, são crianças ridicularizadas e incompreendidas e, portanto, excluídas (RENZULLI; REIS, 1997, p.43, CITADOS POR VIRGOLIM 2007, p.43):

O desenvolvimento emocional do superdotado se diferencia dos demais, pois “não ocorre necessariamente mais rapidamente ou precocemente do que o de outras crianças; ele ocorre de forma diferenciada” (ALLEN CAR; FLEITH, 2001, p.106). Com isso, é necessário entender que os superdotados apresentam “[...] ritmos diferenciados, perfis psicológicos distintos e estilos de aprendizagens particulares” (PEREIRA, 2008).

Segundo Renzulli e Reis, autores citados por Virgolim (2007, p.43) também descrevem essas características afetivo-emocionais identificadas frequentemente nos superdotados:

- a) O superdotado do tipo “escolar” tem necessidade de saber sempre mais e busca ativamente por novas aprendizagens. No entanto, pode estabelecer metas irrealisticamente altas para si mesmo (às vezes reforçadas pelos pais) e sofrer por medo de atingir tais metas.
- b) Apresenta grande necessidade de estimulação mental
- c) tem paixão em aprender.
- d) Demonstra perseverança nas atividades motivadoras a ele.
- e) Apresenta grande intensidade emocional.
- f) Revela intenso perfeccionismo.
- g) Investem uma quantidade significativa de energia emocional naquilo que fazem.



- h) Apresentam preocupação moral em idade precoce.
- i) Necessitam de professores sensíveis aos seus intensos sentimentos de frustração, paixão, entusiasmo, raiva e desespero.
- j) Precisam de apoio dos adultos para persistir em suas tarefas ou para canalizar suas energias de forma mais eficiente.
- k) Frequentemente questionam regras/autoridade.
- l) Demonstram sensibilidade/empatia.
- m) Demonstram autoconsciência.
- n) Demonstram perceptividade (insight).
- o) Demonstram capacidade de reflexão.
- p) Apresentam senso agudo de justiça.
- q) Apresentam imaginação vívida.

Segundo Ourofino e Guimarães, autoras da obra organizada por Fleith (2007, p.49), o superdotado tem uma maneira diferente de ver as coisas, principalmente uma consciência social mais apurada. Isso faz com que desenvolvam valores éticos e de justiça incomuns em outras crianças. Mas se esses valores são repetidamente frustrados, há uma introspecção dos sentimentos e opiniões ocasionando retraimento social.

Para enfatizar a ideia, Ourofino e Guimarães (2007, p.49) concordam que o isolamento do superdotado, na escola, é consequência das divergências de interesses, atitudes, inteligência e criatividade que lhes são natos. Tais divergências próprias dos superdotados causam dificuldades de entrosamento com colegas e conseqüentemente acarretam discriminação e apelidos, fatos que atribulam os relacionamentos em sala de aula.

As autoras acrescentam que, para se preservar dessas situações estressantes, o aluno com altas habilidades/superdotação tende a se afastar de seu grupo social e até a se isolar do grupo familiar. Asseveram que o modo peculiar de ser e estar desses sujeitos no mundo é caracterizado pela sensibilidade, curiosidade e assincronia de desenvolvimento, traz à tona um conjunto de características como as descritas a seguir por Ourofino e Guimarães (2007, p. 49).

- a) Dificuldade de relacionamento com colegas de mesma idade que não compartilham dos mesmos interesses;
- b) Perfeccionismo;
- c) Vulnerabilidade a críticas dos outros e de si mesmo;
- d) Problemas de conduta (por exemplo, indisciplina), especialmente durante a realização de tarefas pouco desafiadoras;
- e) Grande empatia em relação ao outro como resultado de sua sensibilidade exacerbada;
- f) Interesse por problemas filosóficos, morais, políticos e sociais;
- g) Tédio em relação às atividades curriculares regulares;
- h) Tendência a questionar regras.

Se o ambiente escolar é pouco desafiador, a criança demonstra desinteresse. Quando o conteúdo é repetitivo, e a criança com altas habilidades assimila muito rápido, ela termina a tarefa proposta pelo professor antes dos demais. Alguns alunos podem se negar a fazer as tarefas que consideram fáceis e as julgam desnecessárias, ficam ociosos e podem manifestar inquietação e virem a provocar tumultos em sala de aula.

Segundo Hakin (2012), esse é um fenômeno natural, devido às diferenças de interesses, de capacidade de compreensão ou maturidade intelectual. Entretanto, os professores precisam estar atentos e não ignorar as características especiais dos alunos superdotados, pois esses ao tentarem “se encaixar” na média (se enturmarem) e evitar o sentimento de frustração acabam por se anular, ou seja, deixam suas habilidades inativas. Tem-se observado que, quanto maior é o grau de superdotação, mais complicada se torna a relação do indivíduo com outras pessoas de sua faixa etária. Diante disso, a presença e a participação dos pais e professores são de grande importância. Aos educadores, cabe a missão de encontrar formas de entretê-los e fazê-los desenvolver ao máximo suas habilidades, pois as atividades desafiadoras são altamente estimulantes. Quanto mais criativo, complexo e profundo for o currículo escolar, melhor se exploram suas habilidades. Nesse sentido, Mettrau (s/d) corrobora com essa ideia ao afirmar que “sem estímulos, uma criança superdotada vai perdendo aos poucos seu diferencial e termina por se igualar às demais”.

É importante acrescentar outras características próprias desses sujeitos, que se apresentam com mais frequência: idealismo, senso de justiça, perfeccionismo, alto nível de energia, senso de humor, paixão por aprender, perseverança, inconformismo, sensibilidade emocional e consciência aguçada de si mesmo.

Esses traços comportamentais são balizadores que devem ser observadas pelos professores a fim de que possam contribuir para o desenvolvimento cognitivo e psicossocial dos alunos e para a manutenção de um ambiente harmônico em sala de aula (VIRGOLIM, 2007, p.49).

Não é necessário que os alunos com altas habilidades apresentem todas essas características, mas se houver a identificação de algumas delas (com persistência) em alguma criança, a probabilidade que ela apresente altas habilidades é alta.

#### **2.4 Gênio, precocidade, prodígio e superdotado.**

Crianças ou adultos que se destacam por ter altas habilidades em alguma área específica, ou mais de uma, sempre são motivo de curiosidade por parte da mídia. A aparição nos meios de comunicação de uma criança que toca habilmente um violino, piano, escreve livros, resolve problemas matemáticos, faz malabarismos com a bola, cordas, fitas ou de um adolescente que monta habilmente um cubo mágico em poucos segundos, deixa a todos atentos. Essas crianças e/ou adolescentes possuem o que uns chamam de talento, habilidade, dom, facilidade, etc. Mas essa habilidade superior, ou superdotação, genialidade, precocidade é um fenômeno que está sendo estudado há muito tempo por diversos estudiosos, pesquisadores do mundo inteiro.

Entretanto, a mídia, muitas vezes, cria estereótipos dessas crianças, pois não sabe exatamente como definir essa habilidade, causando confusões quanto a denominação, para cada habilidade. São muitas as terminologias encontradas, mas não são sinônimos, há diferenças em ter os conceitos.

O termo superdotado, afirma Virgolim (2007), apresenta diversas denominações.

A **criança precoce** é aquela que apresenta alguma habilidade específica prematuramente desenvolvida em qualquer área do conhecimento, como música, matemática, artes, linguagem, esportes ou leitura. Contudo, qualquer criança que apresente alguma ou várias dessas habilidades não deve ser rotulada como superdotada, gênio, prodígio, sem antes acompanhar seu desenvolvimento. “Mesmo a superdotação precoce, em seu grau extremo, não é garantia de sucesso futuro, ou de que esta pessoa se tornará um adulto eminente” (VIRGOLIM, 2007, p.23).

Crianças superdotadas, segundo Winner (1998), citadas por Virgolim (2007, p.23) são precoces, pois progredem mais rápido do que as outras e demonstram maior facilidade em uma determinada área do conhecimento. No entanto, Freeman e Guenther (2000), citados por Virgolim (2001, p.23) alertam para o fato de que nem todos os adultos que se tornaram eminentes foram crianças precoces.

Tornar-se um adulto de sucesso não está diretamente relacionado com o fato de ter sido uma criança precoce, conforme Virgolim destaca.

Há múltiplos fatores que interferem na trajetória de vida de uma criança precoce além do nível de habilidade, como os atributos de personalidade, a motivação em buscar a excelência, o ambiente familiar propício para o desenvolvimento das habilidades e as oportunidades que aparecerão no decurso de sua vida. Além disso, a motivação intrínseca, a curiosidade e a vontade de aprender, fatores essenciais para um desempenho superior, dependem de um ambiente educacional enriquecido para se desenvolverem VIRGOLIM (2007).

Existem inúmeros casos de crianças que precocemente apresentaram habilidades em diversas áreas, como a música, os esportes, a arte. Crianças de 2 a 3 anos, que nunca foram ensinadas, mas leem com certa fluência e conhecem o alfabeto; memorizam fatos históricos e curiosidades, reconhecem bandeiras de países, montam tabuleiro de xadrez, fazem cálculos matemáticos mentalmente. Esse é o caso das crianças ditas prodígio.

O termo prodígio é utilizado para designar a criança precoce que apresenta um alto desempenho, ao nível de um profissional adulto, em algum campo cognitivo específico (FELDMAN, 1991; MORELOCK E FELDMAN, 2000 apud VIRGOLIM, 2007, p. 24).

Um caso de prodígio é o do gênio musical Mozart, que começou a tocar cravo com 3 anos de idade. Aos quatro anos, sem orientação formal, já aprendia peças com rapidez, e aos sete compunha regularmente e se apresentava nos principais salões da Europa. São inúmeros os casos de prodígios que encantam e desafiam o entendimento de todos sobre o desenvolvimento humano.

A existência dos prodígios é de suma importância para se entender o fenômeno da mente humana. Este autor reflete que, mais do que ensinar sobre a expressão e o desenvolvimento do potencial humano, o prodígio também ensina como a humanidade chegou onde está. No passado, os prodígios eram vistos como “[...] uma monstruosidade, algo fora do curso usual da natureza, como um cometa ou meteoro” eram explorados com propósitos financeiros e mantidos isolados dos amigos ou reclusos no ambiente familiar (FELDMAN, 1991, p. 4).

O autor propõe ainda uma interessante distinção entre o indivíduo superdotado que se destaca por seu alto QI, medido por testes psicométricos, e o prodígio. O prodígio é único no sentido de exibir uma habilidade extremamente especializada, somente expressa sob condições bastante específicas do ambiente sociocultural. De forma contrastante, o indivíduo superdotado com alto QI possui habilidades intelectuais generalizadas que permitem altos níveis de funcionamento em uma grande amplitude de ambientes (FELDMAN, 1991, p. 4).

Outra denominação muito usada é o termo **gênio** que pode ser confundido com precocidade – crianças que se destacam, ainda bem pequenas, em uma área específica. Segundo alguns pesquisadores Alencar (2001), Feldhusen (1985) e Feldman (1991), o termo gênio define pessoas que deram contribuições originais e de grande valor para a humanidade em algum momento do tempo. Segundo Virgolim (2007, p.27)

[...] Os gênios são os grandes realizadores da humanidade, cujo conhecimento e capacidades nos parecem sem limite, incrivelmente excepcionais e únicas. São raras as pessoas que atingem patamares excepcionais. Leonardo da Vinci, Gandhi, Heitor Villa-Lobos, Stephen Hawking e Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, estão entre os grandes gênios da humanidade, em seus campos específicos.”

Não é correto dizer que gênio é a precocidade de uma criança na matemática ou música, por exemplo. Mas aqueles que tiveram ousadia e criaram inovações, quebrando paradigmas já existentes em suas áreas. A criatividade desses gênios lhes proporcionou destaque devido a suas realizações criativas, contribuindo positivamente para a humanidade. Essas contribuições elevaram o conhecimento humano, as ciências, a tecnologia, a cultura e as artes a níveis inusitados (VIRGOLIM, 2007, p.27).

Segundo os termos da Política Nacional de Educação Especial (PNEE), de 1994, está assim caracterizado o possuidor de altas habilidades/superdotação: alunos que apresentam notável desempenho e elevada potencialidade - capacidade intelectual geral; aptidão acadêmica específica; pensamento criativo ou produtivo; capacidade de liderança; talento especial para artes e capacidade psicomotora – esses aspectos podem ser combinados ou isolados.

Virgolim (2007, p.28) apresenta algumas diretrizes, das quais as crianças que apresentam esses aspectos podem ser consideradas superdotadas.

- Capacidade Intelectual Geral – Envolve rapidez de pensamento, compreensão e memória elevadas, capacidade de pensamento abstrato curiosidade intelectual, poder excepcional de observação;
- Aptidão Acadêmica Específica – Envolve atenção, concentração, motivação por disciplinas acadêmicas do seu interesse, capacidade de produção acadêmica, alta pontuação em testes acadêmicos e desempenho excepcional na escola;
- Pensamento Criador ou Produtivo - Refere-se à originalidade de pensamento, imaginação, capacidade de resolver problemas de forma diferente e inovadora, capacidade de perceber um tópico de muitas formas diferentes;
- Capacidade de Liderança – Refere –se à sensibilidade interpessoal, atitude cooperativa, capacidade de resolver situações sociais complexas, poder de persuasão e de influência no grupo, habilidade de desempenho uma interação produtiva com os demais;
- Talento Especial par Artes – Envolve alto desempenho em artes plásticas, musicais, dramáticas, literárias ou cênicas (por exemplo, facilidade para

expressar ideias visualmente; sensibilidade ao ritmo musical; facilidade em usar gestos e expressão facial para comunicar sentimentos);

- Capacidade Psicomotora – Refere –se ao desempenho superior em esportes e atividades físicas, velocidade, agilidade de movimentos, força, resistência, controle e coordenação motora fina e grossa.

Esses aspectos que foram relatados para identificação do superdotado podem ser apresentados juntos ou até mesmo separados. A oportunidade que o meio lhes proporciona influencia muito no desenvolvimento do superdotado, pois a superdotação pode ser manifestada de várias formas, sendo uma notável habilidade cognitiva e aptidão acadêmica até apresentar comportamento criativo, habilidade de liderança e desempenho artístico. Conforme a autora, a superdotação depende do fator genético e também das oportunidades que lhe são proporcionadas. As principais funções cerebrais – cognição, emoção, senso físico e intuição – são consideradas importantes para que haja interação com o meio e estas precisam ser usadas em cada experiência de aprendizagem (SABATELLA, 2008, p. 79).

A autora, em sua prática com crianças com altas habilidades/superdotação, encontrou traços comuns e recorrentes que considera indicativos de alto potencial. Dentre esses traços, os possuidores de altas habilidades/superdotação possuem em sua memória a presença de componentes mnemônicos em idade precoce, têm lembranças remotas de pessoas, lugares e situações; facilidade para reproduzir histórias, relatos, músicas e enorme capacidade para reter e recuperar direções, endereços e localizações. Os superdotados também têm um alto nível de pensamento, pois conseguem com facilidade e rapidez processá-lo, têm habilidade de raciocínio com utilização da lógica pura, percepção de soluções óbvias e ambivalência em informações ou comandos (por exemplo, em provas escolares). A curiosidade nesses indivíduos é muito latente, pois é a expressão mais concreta de seu alto nível de pensamento – a fase dos “porquês” é uma constante entre indivíduos superdotados. Os superdotados, ao iniciarem o processo de fala, utilizam tempos verbais, concordância e plural corretamente; utilizam vocabulário

estruturado não usual no meio em que vivem, grande habilidade de contra argumentação (SABATELLA, 2008, p.47).

Os alunos superdotados apresentam vários tipos de características, por isso são difíceis de serem identificados. Para Sabatella (2008, p. 82) “Muitos são amistosos e expansivos; alguns são tímidos e retraídos; a maioria é feliz e segura de si; poucos são deprimidos.” Pelas várias características não dá para olhar em uma criança e dizer se ela é superdotada ou não. Muitas são as dúvidas em relação como reconhecer, como identificar, quais são os traços mais comuns nessas crianças, são dúvidas frequentes entre os pais e principalmente entre os educadores. Sabatella (2008) apresenta uma listagem a qual utiliza em palestras e aulas mostrando quais são os traços (Quadro 1) e as características (Quadro 2) do aluno superdotado, conforme a seguir:

Traços comuns ao aluno superdotado
Grande curiosidade a respeito de objetos, situações ou eventos, envolvendo-se em muitas atividades exploratórias;
Auto iniciativa, tendência a começar sozinho as atividades, a perseguir interesses individuais, a procurar direção própria;
Originalidade de expressão oral e escrita, com produção constante de respostas diferentes e ideais não estereotipadas;
Talento incomum para expressão em artes, como música, dança, drama, desenho e outras;
Habilidade para apresentar alternativas de soluções, com flexibilidade de pensamento;
Abertura para a realidade, busca em se manter a par do que o cerca, sagacidade e capacidade de observação;
Capacidade de enriquecimento com situações – problema, de seleção de respostas, de busca de soluções difíceis ou complexos;
Capacidade para usar o conhecimento e as informações, na busca de novas associações, combinando de forma peculiar elementos, ideias e experiências;
Capacidade de julgamento e avaliação superiores; ponderação e busca de respostas lógicas, percepção das implicações e consequências, facilidade e decisão;
Produção de ideias e respostas variadas e gosto pelo aperfeiçoamento das soluções encontradas;
Gosto por correr riscos em várias atividades;
Habilidade em ver relações entre fatos, informações ou conceitos aparentemente não relacionados.

QUADRO 1: Quadro de traços comuns no aluno superdotado  
Fonte: Sabatella (2008 p.89,90)

A identificação dessas características comuns nos superdotados permite um adequado atendimento escolar, a fim de proporcionar-lhes melhores condições para seu desenvolvimento emocional, cognitivo e social.



Características
Necessidade de definição própria;
Capacidade de desenvolver interesses ou habilidades específicas;
Interesse em conviver com pessoas de nível intelectual similar;
Resolução rápida de dificuldades pessoais;
Aborrecimento fácil com a rotina;
Busca de originalidade e autenticidade;
Capacidade de redefinição e extrapolação;
Espírito crítico, capacidade de análise e síntese;
Desejo pelo aperfeiçoamento pessoal, não aceitação de imperfeição no trabalho;
Rejeição de autoridade excessiva;
Fraco interesse por regulamentos normas;
Senso de humor altamente desenvolvido;
Alta exigência;
Persistência em satisfazer seus interesses e questões;
Sensibilidade às injustiças, tanto em nível pessoal como social;
Comportamento irrequieto, perturbador e inoportuno;
Descuido na escrita, deficiência na ortografia;

QUADRO 2: Características do aluno superdotado  
Fonte: Sabatella (2008 p.89,90)

Estas características podem auxiliar pais e professores na identificação de crianças ou jovens que demonstram excelência ou forte potencial para obter sucesso em uma ou mais das áreas descritas anteriormente.

## 2.5 Mitos e ideias errôneas sobre altas habilidades

A sociedade, de modo geral, tende a acreditar que pessoas superdotadas apresentam características semelhantes entre si e que seu desenvolvimento cognitivo e afetivo ocorre de forma homogênea (VIRGOLIM, 2006). Essas ideias têm sido defendidas há décadas, porém não se sustentam, pois são equivocadas.

Nesse sentido, diversos autores (ALENCAR, 2007; ALENCAR; FLEITH, 2001; BARRERA PÉREZ, 2003; WINNER, 1998) se dedicam aos estudos e discutem o tema, na tentativa de lançar luz aos conceitos e minimizar as influências que dificultam sua compreensão. Assim, passamos a discorrer sobre os mitos (ideias equivocadas) que comumente estão presentes nesses discursos e também no senso comum.

Winner (1998, p.15) enfatiza que o *primeiro mito* é aquele em que a maioria acredita que o superdotado possui habilidades acadêmicas em todas as áreas

do conhecimento científico. “E os psicólogos e educadores tipicamente mediram superdotação acadêmica com um teste de QI que produz um escore global”. É equivocado acreditar que os superdotados possuem capacidade cognitiva global, ou seja, que são muito bons em qualquer área do conhecimento. Normalmente, a pessoa com superdotação possui maior habilidade em uma área o conhecimento e um pouco menos de habilidade em outras áreas. Pode apresentar sinais de superdotação em uma área, somente, e ainda ter dificuldades em outra, ou somente apresentar um desenvolvimento normal nas demais.

O *segundo mito* descrito pela autora supõe que a superdotação está diretamente relacionada a habilidades escolares, enquanto altas habilidades em outras áreas significa talento, como artes visuais e atléticas. A autora entende que são apenas maneiras diferentes de “rotular” essas pessoas, pois “as crianças artisticamente ou atleticamente superdotadas não são tão diferentes de crianças academicamente superdotadas” (WINNER, 1998, p.15).

*Terceiro mito*: acreditar que a superdotação esteja intrinsecamente relacionada com alto QI e em suas diversas maneiras de ser entendido. O QI elevado não é o único fator que determina superdotação, pois se podem apresentar altas habilidades em áreas como música e esportes e não necessariamente apresentar um QI alto. Os testes de QI são bastante restritos, pois avaliam, na maioria das vezes, habilidades de linguagem e matemática. Não são muitos os fatores que afirmam que a superdotação não acadêmica necessita apresentar um QI elevado, pois é comum se encontrar níveis impressionantes de superdotação nos denominados *idiots savants*, com QI baixo e excepcionais habilidades em áreas específicas (WINNER, 1998, p.15).

Há relação entre o *quarto* e o *quinto mito*, pois estão relacionados à biologia e meio ambiente. A ideia de que a superdotação se deve exclusivamente a fatores biológicos é defendida pelas chamadas teorias geneticistas ou inatistas, que acreditam ser a inteligência um fator herdado. Por outro lado, alguns psicólogos acreditam que a superdotação é adquirida por meio de um intenso treinamento de pais e professores, iniciado desde cedo com as crianças. As duas correntes

mostram-se independentes, sem estabelecer correlação entre si. Winner (1998, p.19) esclarece que as altas habilidades conjugam os dois fatores. Ou seja, um indivíduo pode nascer com condições de desenvolver altas habilidades, mas isso não ocorre, pois não houve estimulação ambiental. Winner (1998, p.19) afirma que “a superdotação não pode ser inteiramente um produto do nascimento, [...] apoio familiar, educação e trabalho duro podem determinar se um dom se desenvolve ou não”.

Como *sexto mito*, a autora destaca que “algumas pessoas afirmam que as crianças superdotadas são “fabricadas” por pais super zelosos concentrados no estrelato dos filhos” (p.16). A orientação que se dá esses pais é que deixem seus filhos levarem uma vida normal, pois este “zelo” excessivo faria com que perdessem o interesse em novas conquistas. No entanto, quando os filhos são superdotados há a necessidade de que seus pais se envolvam no desenvolvimento das habilidades, pois é necessário como foi referido nos quarto e quinto mitos.

O *sétimo mito* aborda que os indivíduos com superdotação sofrem preconceito das outras crianças. Todavia, psicólogos acreditam que os superdotados são populares, bem ajustados, extraordinariamente morais e têm saúde física e psicológica. No entanto, crianças com altas habilidades/superdotação são, na maioria das vezes, socialmente isoladas e infelizes, pois “a visão da criança superdotada bem ajustada aplica-se apenas à criança moderadamente superdotada e deixa de fora os extremos” (WINNER, 1998, p.17).

No *oitavo mito*, Winner (1998, p.17) destaca que muitos profissionais da educação afirmam que todos são iguais e que todos são superdotados, significando que todos têm alguma área em que se destacam ou que possuem a mesma capacidade de aprendizagem. “Esta suposição não é feita apenas sobre habilidades acadêmicas”, mas, também em áreas como artes e música (p.17). No entanto esse conceito traz posições contrárias à educação especial para alunos com altas habilidades/superdotação, pois esses indivíduos têm necessidades especiais como crianças com retardo ou distúrbios de

aprendizagem e são um importante capital humano para o progresso da sociedade e necessitam de um ensino diferenciado.

O *nono mito* faz referência à suposição que todo o superdotado será um adulto eminente. Winner (p.) esclarece que “[...] muitas crianças superdotadas, especialmente os prodígios, malogram, enquanto outras acabam por se dedicar a outras áreas de interesse [...]”. Outras, “[...] embora extremamente exitosas, nunca fazem nada genuinamente criativo”. Segundo Winner é errado acreditar que todas as crianças superdotadas terão um futuro extremamente brilhante, pois muitos fatores como personalidade, motivação, ambiente familiar e oportunidades podem interferir no seu desenvolvimento (WINNER, 1998).

Seguindo na mesma direção, Eunice Alencar (2007) observa que muitas são as ideias errôneas em relação a este tema e essas ideias impedem que os superdotados tenham uma educação de boa qualidade. Ressalta que superdotação é vista como um fenômeno raro. Dentre essas ideias errôneas a autora destaca.

A *primeira ideia errônea* diz respeito ao uso dos termos gênio e superdotado como sinônimos. Devido a essa confusão na terminologia, as pessoas, alheias ao verdadeiro significado acreditam que o superdotado deva apresentar um desempenho surpreendente desde muito pequeno, ou acham que sua contribuição científica ou artística é inestimável para a humanidade. Por causa dessa concepção, muitas vezes, pais de superdotados se opõem a um atendimento diferenciado por acreditarem que seus filhos não necessitam dele. Portanto, Alencar (2007, p.16) assinala que “tem sido recomendado que o termo “gênio” seja reservado para descrever apenas os indivíduos que deixaram um legado à humanidade, pelas suas contribuições originais e de grande valor”.

A *segunda ideia errônea* se refere à crença que o superdotado pode desenvolver seu potencial sozinho, não necessitando de um estudo diferenciado. No entanto, constata-se que nem todos os superdotados se tornam adultos bem-sucedidos. Por isso, Alencar acredita na importância de um ambiente favorável para o

desenvolvimento do superdotado, ou seja, m ensino que leve em consideração as características específicas desses indivíduos.

A *terceira ideia errônea* consiste na suposição de que o aluno com altas habilidades/superdotação sempre apresentará um ótimo rendimento escolar. Entretanto, nem sempre é isso que acontece. “Muitas vezes, observa-se uma discrepância entre o potencial (aquilo que a pessoa é capaz de realizar e aprender) e o desempenho real (aquilo que o indivíduo demonstra conhecer)” (ALENCAR, 2007, p. 17), pois fatores como currículos e métodos ineficazes, pressões exercidas pela sociedade e uma visão negativa em relação à escola, além de outros fatores, sociais, individuais, educacionais podem interferir no desenvolvimento das habilidades desses alunos.

A *quarta ideia errônea*, enfatizada por Alencar (2007) trata da crença na não necessidade de se encaminhar alunos com altas habilidades para um atendimento diferenciado/especializado, pois isso lhes traria arrogância, vaidade e sensação de superioridade em relação aos outros alunos. No entanto, tais experiências demonstram que esses atendimentos, quando efetuados com comprometimento, auxiliam no crescimento de suas habilidades (ALENCAR, 2007).

A *quinta ideia errônea* se refere ao estereótipo de superdotado como um aluno franzino, do gênero masculino, de classe média, com interesses restritos, principalmente pela leitura. Essa é a imagem criada pelo senso comum. Como consequência deste estereótipo, indivíduos com características distintas a essas, tem suas habilidades despercebidas e desvalorizadas. Relata que possivelmente esta visão, explica o maior número de meninos em relação a meninas acompanhados em programas para altas habilidades/superdotação.

A autora refere-se à *sexta ideia errônea* como sendo aquela visão cultural de que se deve oferecer ensino diferenciado somente às crianças que apresentam alguma deficiência ou algum distúrbio de conduta. Essa visão distorcida tem predominado na sociedade brasileira, especificamente, entre profissionais da educação, pois, via de regra, acreditam não se justificar o atendimento especial

aos superdotados, quando a escola ainda não dá conta de atender adequadamente, as pessoas com distúrbios e deficiências restritivas. Não se pode negar que o atendimento às pessoas com déficits físicos e cognitivos é importante e necessário, porém não se podem menosprezar os alunos com altas habilidades/superdotação, que também têm necessidades que precisam ser devidamente orientadas.

Alencar (2007, p.18) relata como *sétima ideia errônea* a existência de preconceito quanto aos programas educacionais de aceleração, que oferecem um ritmo mais rápido de conteúdos curriculares, ou possibilitam um ingresso mais cedo da criança na escola. Muitos acreditam que isso pode trazer malefícios a esses alunos como “a presença de solidão e desajustamento entre jovens que progredem mais rápido no seu programa acadêmico, ou ainda um decréscimo no rendimento acadêmico e motivação pelo estudo”. No entanto algumas pesquisas constataam que esses procedimentos trazem benefícios a esses alunos quando feitos de maneira adequada, “levando-se em conta as suas necessidades e características intelectuais, sociais e emocionais, paralelamente a professores adequadamente preparados para apoiá-lo em suas necessidades”, afirma a autora.

A *oitava ideia errônea* apresentada por Alencar (2007, p.19) diz respeito à impressão de que o superdotado apresenta mais problemas sociais e emocionais. Entretanto, estudos mostram que alunos com altas habilidades/superdotação, além de apresentarem inteligência superior, também possuem maior ajuste social e emocional, embora “levando-se em conta as suas necessidades e características intelectuais, sociais e emocionais, paralelamente a professores adequadamente preparados para apoiá-lo em suas necessidades”.

As ideias equivocadas trazem prejuízos para os relacionamentos com colegas e professores e até mesmo com familiares. Assim, a compreensão desses mitos permite que pais e educadores identifiquem mais facilmente as crianças com altas habilidades/superdotação e favorecem que práticas escolares apropriadas

sejam adotadas a fim de que esses sujeitos possam ter pleno desenvolvimento cognitivo e emocional.

## **2.6 Desafios da escola frente à superdotação**

Atualmente, a educação inclusiva e a educação especial assumiram espaço importante nas pautas de discussões tanto no seio escolar, quanto nas políticas públicas que discutem as questões das diferenças naturais que configuram a espécie humana. Considerando ser a sala de aula um *lócus* onde se concretizam as inter-relações e se sobressaem aspectos das diversidades humanas, torna-se imprescindível lançar um olhar mais atento sobre as necessidades educacionais especiais.

É notório, no mundo acadêmico, que as práticas pedagógicas desconsideram as particularidades de seus educandos, sejam elas pessoais de gênese biológica ou as que são construídas na vida social, nas relações concretas de vida de cada um (PADILHA, 2005, p.108). Entende-se que a escola e a sala de aula compreendem um sistema constituído por um conjunto de elementos - alunos, professores, conteúdos, atividades de ensino, avaliações, etc. Se a subjetividade é negligenciada como força motriz no desenvolvimento escolar e global dos educandos, refletirá no desenvolvimento de seus talentos e habilidades superiores, em especial em se tratando de educandos com altas habilidades/superdotação (VIRGOLIM, 2007).

Nesse contexto, muitas vezes, são esquecidos alunos que se destacam por possuírem uma capacidade intelectual acima da média, mas que necessitam da mesma atenção por suas peculiaridades. Esses alunos nem sempre são considerados “especiais”: os portadores de altas habilidades ou superdotados. Assim, a escola precisa estar preparada para identificar e acolher esses talentos, desenvolvendo simultaneamente estratégias para promover a sua inclusão.

Conforme está previsto na legislação, os alunos com altas habilidades/superdotação devem receber atendimento que valorize e respeite suas necessidades educacionais diferenciadas quanto a talentos, aptidões e

interesses. Mediante ao exposto, pressupõe-se que, por mais excepcionais que se apresentem tais aptidões e talentos, se não houver estímulo e atendimento adequados, os indivíduos dificilmente atingirão um nível de excelência. É, portanto, no indivíduo que a organização e fundamentação de programas educacionais devem se basear, oferecendo-lhe programas de enriquecimento escolar e de aprofundamento de estudos, cuja finalidade é de ajustar o ensino ao nível do desenvolvimento real dos alunos.

Pérez e Freitas (2009), ao realizarem uma pesquisa sobre o estado do conhecimento na área de altas habilidades/superdotação, nas últimas décadas no Brasil, evidenciam que os mitos existentes em torno desses alunos – dos quais se ressalta a visão que considera as altas habilidades/superdotação como um fenômeno raro – compromete a compreensão e, até mesmo, a produção científica na área. As autoras revelam as estatísticas oficiais oriundas dos censos escolares, que demonstram haver um reduzido número de alunos com essas características, efetivamente atendidos.

Pérez (2004) demonstra que a invisibilidade a qual tem sido submetida este alunado na escola regular advém da escassa oferta de serviços educacionais que permitam a identificação e atendimento, aliados à falta de formação adequada de professores. Acreditamos que o desconhecimento e o predomínio de inúmeros mitos acerca das necessidades e características dos alunos com altas habilidades/superdotação poderão ser superados por meio de experiências que priorizem a formação continuada dos professores, possibilitando a ampliação da compreensão sobre o tema. Ourofino e Guimarães (2007, p.51) advertem que,

O paradigma da inclusão representa igualdade de oportunidades e se concretiza nas ações dos movimentos inclusivos. Estes movimentos centrados na diversidade deverão promover, também, o acesso aos programas especiais a alunos com altas habilidades/superdotação. O indivíduo superdotado requer um acompanhamento especializado que contribua para o desenvolvimento de suas habilidades, para o fortalecimento de suas características produtivas e que o incentive a valorizar sua sensibilidade, criatividade e aprendizagem em busca de uma vida mais produtiva e feliz.



Nesse contexto, acredita-se que o professor é o principal agente nesse processo de inclusão, pois é ele quem está boa parte do tempo em contato direto com esses alunos, podendo contribuir de maneira especial na identificação dos superdotados, observando e analisando seu desempenho que é distinto dos demais alunos. Fleith (2007, p.84) afirma que “O papel do professor no processo de identificação é de suma importância, pois ele passa a ser um colaborador do psicólogo na avaliação, contribuindo com seu olhar e suas observações”.

O professor, através do contato diário também consegue perceber que o superdotado é um aluno possuidor de características peculiares, um sujeito único com características diferenciadas e também complexo e instigante. A partir dessa identificação, é importante se fazer o encaminhamento adequado, com o objetivo de desenvolver as habilidades identificadas e oferecer uma formação ampla ao indivíduo, de acordo com suas potencialidades (SABATELLA e CUPERTINO, 2007).

Contudo, é necessário que o professor possua condições ou esteja preparado para fazer essa identificação. Na realidade, a falha consiste na ausência de formação continuada, por meio de cursos profissionalizantes voltados para a área de educação especial. Mesmo não sendo um assunto novo, há uma enorme deficiência nas ofertas de cursos da área de superdotação. Quando o professor não detém conhecimento sobre esse assunto “[...] é comum que os alunos mais capazes sintam-se desestimulados, desperdiçando suas potencialidades criativas em ambientes não desafiadores” (FLEITH, 2007, p. 25).

Para tanto, cabe, principalmente ao professor, oportunizar ao aluno com altas habilidades as condições de desenvolver suas potencialidades. Suas atitudes se iniciam no planejamento didático considerando as habilidades criativo-produtivas de seus alunos, pois os mesmos, em sua maioria, têm o desejo crescente em estar sempre aprendendo, utilizar o seu extenso vocabulário, a boa memória, sua intensa capacidade de produção de ideias originais, em conjunto com sua vontade de se dedicar aos estudos, na área da sua preferência. Importa elucidar, que a necessidade de implementação de contextos enriquecidos de aprendizagem, demanda sua inserção no Projeto

Pedagógico da instituição escolar, prevendo a participação de toda comunidade no desenvolvimento de um trabalho colaborativo.

Delpretto e Zardo (2010) afirmam que a adoção de uma abordagem colaborativa deve ser compreendida como uma das atribuições do professor, entre a comunidade escolar e o professor da Sala de Recursos Multifuncionais (SRM). As Salas de Recursos Multifuncionais foram criadas para atender os alunos com necessidades especiais e são espaços localizados nas escolas de educação básica. Essas salas são organizadas com mobiliários, materiais didáticos e pedagógicos, recursos de acessibilidade e equipamentos específicos, que atendem em turno contrário à escolarização os alunos da Educação Especial. (ROPOLI et al., 2010, p. 31). Silveira e Figueiredo (2010, p.20) concordam com essa perspectiva, ao ressaltar a importância do desenvolvimento de uma cultura colaborativa, nas instituições escolares. Destarte, afirmam: “[...] quando funcionam, as culturas colaborativas contribuem para transformar o aprendizado individual em coletivo”.

Em fim, é na escola que alunos com necessidades especiais (superdotação) devem permanecer a fim de receberem educação escolar conforme as capacidades de cada um, para desenvolverem sempre mais suas potencialidades e contribuírem de forma significativa com a sociedade.

## **2.7 Estado da arte: abordagem das universidades sobre o tema**

Para se inteirar a respeito do que as pesquisas abordam sobre o tema altas habilidades/superdotação, em algumas universidades do país, realizou-se um resumo sobre as publicações científicas mais relevantes encontradas em sites (repositórios e revistas científicas) de algumas universidades brasileiras.

A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), através de sua revista científica de inclusão, publicou, desde 2010, cerca de 30 artigos referentes ao tema altas habilidades/superdotação. Nesses artigos, são utilizados os principais descritores: políticas públicas, aprendizagem, professor e alunos, identificação

de características. Dentre eles, destacam-se três trabalhos publicados no ano de 2016.

O primeiro artigo descrito por Arantes-Brero (2016), faz referência à biografia da pintora expressionista brasileira Anita Malfatti (1889-1964), incompreendida em sua época por ter introduzido uma forma de pintar que não era reconhecida como arte no Brasil. Este estudo explora a teoria de Gagné, que considera a aprendizagem como uma mudança interior e tenta integrar os conceitos básicos das teorias cognitivas e comportamentais. Arantes-Brero considera serem sinônimos os termos “dotação” e “talento”. Destaca que o grande desafio da sociedade consiste em reconhecer as diferenças e valorizá-las, oferecendo aos “diferentes” condições para expressar suas habilidades, garantindo-lhes plena inserção na vida em sociedade, para que se sintam pessoas produtivas a autorrealizadas.

O segundo artigo, de autoria de Martins e Chacon (2016), abordam que o pouco conhecimento, principalmente, dos profissionais da educação sobre o tema em pauta ocasiona a propagação de mitos e estereótipos que dificultam o reconhecimento de alunos portadores dessas características e a privação de condições educacionais adequadas, fatores que lhes causa desmotivação, e desenvolvimento insatisfatório. Por outro lado, o ensino adequado depende inicialmente da sua identificação. Os pesquisadores definiram como objetivo identificar comportamento e desempenho indicativos de precocidade apresentados no cotidiano da sala de aula. Para desenvolverem sua pesquisa, investigaram três alunos precoces em leitura e escrita. Os resultados apontam que há diferenciação entre alunos precoces e os demais, pois em decorrência de sua precocidade, há um destacamento desses indivíduos em seu grupo etário. Todavia, os alunos precoces participantes da pesquisa apresentam diferenças significativas entre si, o que impossibilita o estabelecimento de um perfil padronizado que os defina. Os autores recomendam que os professores atentem para os alunos que demonstram habilidades superiores com o intuito de proporcionar-lhes um ensino que potencialize suas possibilidades, sem desconsiderar suas necessidades e dificuldades.

Como terceiro exemplar da Universidade Federal de Santa Maria – RS, publicado pela Revista de Educação Especial da instituição, Iorio, Chaves e Apache (2016), fizeram uma revisão de literatura sobre aspectos das avaliações para altas habilidades/superdotação. Foram analisados oitenta e dois trabalhos, que apresentam uma divisão de dois eixos norteadores. O primeiro utiliza os resumos disponíveis e retrata um panorama das pesquisas, com abordagem nos temas mais trabalhados e ano de publicação. Para a elaboração do segundo eixo foram selecionadas oito pesquisas remanescentes do primeiro eixo que tratam especificamente das avaliações para Altas Habilidades/Superdotação. No segundo eixo, foram investigados nos trabalhos completos, dados como: ano de publicação, pesquisas. No segundo eixo, foram investigados em trabalhos completos, dados como: ano de publicação, área de conhecimento, nível da pesquisa, referencial teórico, procedimentos metodológicos e considerações finais. Por fim, a partir das análises e discussões apresentadas, considera-se a necessidade de mais empreendimentos científicos na área da superdotação, bem como, sua interlocução com as avaliações psicológicas no Brasil, e deste modo, suscitarem mais estudos que versem sobre os instrumentos e estratégias de avaliação especializadas para essa população.

Na Universidade de Brasília (UNB) foram encontrados quatro textos sobre altas habilidades/ superdotação, publicados desde 2009. Todas as pesquisas foram orientadas por Fleith. Para essa revisão serão abordados três dessas pesquisas.

Gonçalves e Fleith (2011) elaboraram uma pesquisa intitulada “Estudo comparativo entre alunos superdotados e não superdotados em relação à criatividade, inteligência e percepção de clima de sala de aula para criatividade” Segundo as autoras, o Brasil precisa investir muito em pesquisas na área de superdotação para possibilitar a implementação de programas e serviços que facilitem a adaptação de currículos escolares que estimulem as potencialidades – inteligência e criatividade – desse aprendiz. Para tanto, se fez um estudo comparativo entre alunos superdotados e não superdotados em relação à criatividade e inteligência, investigando se existe essa relação; também se investigou se existem diferenças de percepção quanto ao clima de criatividade

em sala de aula, entre alunos superdotados e não superdotados e a percepção dos alunos superdotados e não superdotados, sobre inteligência e criatividade.

Após utilizarem quatro instrumentos de coleta de dados com alunos superdotados e não superdotados, os resultados indicaram que não há diferenças entre inteligência e criatividade em nenhum dos dois grupos e também não foram observadas diferenças entre alunos superdotados e não-superdotados em relação à inteligência. Mas em relação à criatividade, os resultados apontaram diferenças significativas na originalidade verbal e figurativa. Os alunos superdotados obtiveram médias superiores em comparação aos não superdotados. A percepção de clima de sala de aula foi medida por meio dos fatores: suporte da professora à expressão de ideias do aluno, auto percepção do aluno em relação à criatividade; interesse do aluno pela aprendizagem, autonomia do aluno e estímulo da professora à produção de ideias do aluno. Foram investigados estes fatores para as disciplinas de Língua Portuguesa e de Matemática, separadamente. Não foram encontradas diferenças significativas entre os dois grupos para os fatores sobre percepção do clima de sala de aula para a primeira disciplina. No entanto, em relação à disciplina de Matemática, os resultados indicaram existir diferenças significativas quanto ao suporte do professor à expressão de ideias do aluno. Os alunos superdotados apresentaram uma percepção mais positiva, ou seja, a maneira como veem, julgam, conceituam, qualificam as coisas no mundo e em neles mesmos, quando comparados com alunos não superdotados.

Também foram entrevistadas duas alunas superdotadas e não superdotadas quanto aos temas inteligência e criatividade. Foram assinaladas diferenças de percepção entre os dois grupos quanto à definição e importância da inteligência e auto percepção em relação à própria inteligência. Todas as participantes consideraram que a criatividade poderia ser mais estimulada em sala de aula e que isso dependeria do professor. Os resultados indicam a importância de se considerar a diversidade das características dos indivíduos superdotados no processo de identificação e na implementação de estratégias educacionais de forma a contemplar as habilidades e os estilos de aprendizagem de cada um desses indivíduos.

A segunda pesquisa, publicada pela UNB, das autoras Prado e Fleith (2011), teve como título “O talento em uma perspectiva feminina: características individuais e familiares de pesquisadoras de destaque no Brasil. A crescente participação feminina no ambiente acadêmico e científico trouxe contribuições significativas ao estudo do talento. O estudo investigou o perfil de 111 pesquisadoras do CNPq, em seguida foram sorteadas aleatoriamente 8 pesquisadoras para compor a segunda etapa. Também foram investigados os fatores promotores e inibidores do desenvolvimento do seu potencial ao longo de sua trajetória profissional, bem como características familiares e o impacto do seu talento na dinâmica familiar. Foram utilizados três instrumentos na coleta de dados: questionário sociodemográfico, análise documental e entrevista semiestruturada. Os resultados indicaram a predominância das pesquisadoras na região sudeste do Brasil, em instituições públicas e nas seguintes áreas: Ciências Humanas, Ciências Biológicas e Ciências da Saúde. Quanto às características pessoais, as mais mencionadas foram prazer na realização das tarefas e dedicação. Esse estudo verificou que a dedicação à carreira profissional é superior à devotada às áreas pessoal, familiar e social das participantes. Isso pode indicar tanto envolvimento afetivo com o trabalho realizado quanto sobrecarga gerada por ele. O excesso de demanda de trabalho, a estrutura e condições para realização da atividade científica brasileira foram destacadas pelas pesquisadoras como fatores inibidores. A existência de conflitos para conciliar carreira e vida familiar foram apontados muitas vezes em decorrência da presença de estereótipos de gênero, tanto na divisão de tarefas domésticas quanto na existência de preconceitos no ambiente profissional. O impacto do talento e sucesso profissional das participantes foi positivo em relação aos filhos e negativo no subsistema conjugal. Esse estudo teve um caráter exploratório, propiciando informações úteis para o desenvolvimento de pesquisas no Brasil na área de talento, família e relações de gênero em uma perspectiva do desenvolvimento humano adulto. Seus resultados oferecem subsídios para elaboração e implementação de programas e serviços de atendimento a crianças e adolescentes talentosas e suas famílias, bem como de políticas públicas dirigidas à mulher que trabalha, em especial àquelas em início da carreira acadêmica.

A terceira pesquisa da Universidade de Brasília foi elaborada por Lobô e Fleith (2016) e é intitulada “Perfil do aluno superdotado: análise de dossiês de alunos participantes de uma sala de recursos no período de 1999 a 2013”. Nesse estudo, as autoras partiram do pressuposto que há uma crescente preocupação em atender de forma diferenciada os alunos que se destacam por um desempenho superior, bem como em disseminar informações relativas às condições que favorecem o seu reconhecimento, desenvolvimento e expressão. Dessa forma, o atendimento especializado a esses alunos tem sido uma modalidade cada vez mais adotada no sistema educacional brasileiro, em especial na rede pública, com a proposta de melhor compreender quem são esses alunos e como atendê-los de forma a promover o desenvolvimento de suas potencialidades. Desconstruir ideias estereotipadas e equivocadas a respeito dos superdotados além de conhecer o que caracteriza esses alunos constituem o primeiro passo para que eles recebam atenção e atendimento no sistema educacional.

O objetivo desta pesquisa foi, portanto, descrever e analisar o perfil de alunos superdotados, a partir da consulta a dossiês dos participantes de uma sala de recursos do atendimento educacional especializado do Distrito Federal no período de 1999 a 2013. Utilizou-se, neste estudo, um delineamento exploratório quantitativo. Participaram 259 alunos superdotados, sendo 165 do gênero masculino e 94 do feminino, com idade média de 11 anos. Os dados foram obtidos mediante informações contidas no livro de registro dos alunos, ficha de indicação do aluno, ficha cadastral, questionário para família/diagnóstico inicial, Inventário de Estilos de Aprendizagem e Matrizes Progressivas de Raven. Os resultados apontaram prevalência de alunos do gênero masculino, bem como de alunos provenientes de escolas públicas e urbanas, no atendimento educacional especializado ao superdotado. Os achados revelaram ainda que mais alunos do sexo masculino foram indicados para as áreas de Exatas e Artes Plásticas, enquanto um maior número de alunas foi encaminhado para Artes Cênicas e Humanidades. O maior número de encaminhamentos à sala de recursos foi feito por professores do ensino regular e o tempo médio de permanência no

atendimento foi de 2 anos e 8 meses. Observou-se predominância de primogênitos superdotados sem irmãos no atendimento.

No que diz respeito à profissão das mães, a maior frequência estava relacionadas às atividades do lar, serviços básicos e magistério enquanto que os pais exerciam profissões envolvendo serviços básicos, técnicos e serviço público. A maioria dos participantes nunca foi reprovada nem submetida à aceleração escolar. Os estilos de aprendizagem mais mencionados pelos superdotados foram aula didática, instrução programada, discussão e ensino pelo colega. Habilidades de leitura e escrita foram adquiridas, em média, aos 5,5 anos de idade.

A percepção de pais e professores quanto às características dos alunos superdotados foram semelhantes. Os participantes apresentaram, em média, desempenho correspondente aos percentis médio e superior em teste de inteligência. Os resultados desta pesquisa podem contribuir para o planejamento de novas estratégias de atuação de professores e psicólogos escolares em programas de atendimento aos alunos superdotados, bem como instigar reformulações quanto a diretrizes, estaduais ou municipais, norteadoras de programas e serviços, a par de políticas públicas federais em prol do superdotado.

A Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC RS) publicou, nos últimos anos, somente dois artigos sobre o tema altas habilidades/superdotação.

Destaca-se esse artigo elaborado por Freitas e Stobäus (2011), intitulado “Olhando as altas habilidades/superdotação sob as lentes dos estudos curriculares”. Este trabalho lança um olhar sob o campo educacional, particularmente na docência e na pesquisa em Educação Especial. Através desse artigo pretende-se trazer visibilidade a uma discussão curricular fortemente marcada pela prática educativa de aprendizes com altas habilidades/superdotação, tendo como referência os princípios da política de inclusão escolar. Currículo é entendido como um território de conhecimento e poder, logo, seu processo de fabricação na esteira da vertente inclusiva –



itinerário que visa solidificar um elo igualitário social – pode se colocar como agente potencializador de ações diferenciadas para a educação de alunos com altas habilidades/superdotação, resguardando-os de momentos de discriminação, segregação e exclusão pessoal, familiar, escolar e social. Portanto, este artigo reveste-se num convite aos educadores para olharem as prerrogativas da educação inclusiva sob as lentes dos estudos curriculares.

Outro artigo publicado pela PUC RS, de autoria de Mosquera, Stobäus e Freitas, sob o título de “Altas habilidades/superdotação: abordagem ao longo da vida” buscou fundamentar as bases empíricas da temática das Altas Habilidades/Superdotação- AH/SD, a partir de estudos e de discussões e reflexões realizados, para possibilitar um melhor entendimento de sua abordagem em termos de Infância, Adolescência e Vida Adulta, dentro da denominada Abordagem ao Longo da Vida (Lifespan Approach), levando em conta autores destacados na área, na Educação e na Psicologia, com nexos para as Neurociências e estudos do desenvolvimento do cérebro (cognição, inteligência, aprendizagem) e a cultura em que o sujeito evolui e atua. Procurou-se explorar os aspectos do desenvolvimento humano e da personalidade ao longo da vida, em uma relação direta com a aprendizagem social, para conseguir aprofundar na temática do processo contínuo do ato de aprender. Finalizou-se com comentários de algumas possibilidades de atenção a estas pessoas, conectando com a Psicologia Positiva.

Essa revisão permitiu inferir que, à exceção da Universidade de Santa Maria – RS (UFSM), existem poucas publicações nas demais instituições de ensino sobre esse tema. Pessoas que possuem altas habilidades/superdotação é uma realidade e há necessidade de lhes proporcionar condições de desenvolverem essas habilidades no ambiente escolar. Para tanto, é imprescindível que os professores e toda comunidade escolar estejam cada vez mais atentos e preparados para atendê-los.

### 3 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desta pesquisa e alcance dos objetivos propostos, optou-se pelo método de Estudo de Caso, o qual permitiu estudar a realidade, o cotidiano e a vida escolar de Maria Cecília, buscando coletar o maior número de informações acerca do processo vivenciado por ela e seus pais, nos âmbitos educativo e familiar. Também foi realizado um levantamento bibliográfico a fim de compreender esse fenômeno que tanto instiga a curiosidade da academia e das pessoas de modo geral. Buscou-se então as principais publicações disponíveis nos bancos das principais universidades que se interessam pelo tema em pauta. A opção pelo método do Estudo de caso foi baseada na assertiva de Gil (p.141,2002)

[ ] o estudo de caso é o mais completo de todos os delineamentos, pois vale-se tanto de dados *de gente* quanto de dados *de papel*. Com efeito, nos estudos de caso os dados podem ser obtidos mediante análise de documentos, entrevistas, depoimentos pessoais, observação espontânea, observação participante e análise de artefatos físicos [ ].

Trata-se, portanto de uma investigação de cunho qualitativo, classificada como exploratória, pois não se espera obter uma resposta definitiva para o problema, mas uma visão mais acurada das situações vividas pelos sujeitos. Segundo o autor, “[...] o produto final deste processo passa a ser um problema mais esclarecido, possível de ser verificado mediante procedimentos mais sistematizados [...]” (GIL, 2009, p.49)

Segundo o enfoque disciplinar, trata-se de um estudo de caso psicológico sociológico, pois se enfatiza processos sociais como: socialização, competição e conflito no âmbito das diferentes instituições sociais, como família, escola e igreja.

Para se analisar aspectos relacionados à escola e ao cotidiano no seio familiar de Maria Cecília, foram entrevistadas a aluna, sua mãe e sua professora. Justifica-se aqui o porquê de somente a mãe ser entrevistada, já que o pai também é participante na educação de Maria Cecília: a mãe foi quem primeiro percebeu sinais diferenciados no comportamento da filha, desde o nascimento e

começou a fazer anotações; na ocasião, a mãe não trabalhava como professora, estava em casa o tempo todo com a filha.

Destaca-se aqui a importância da entrevista, pois sendo uma técnica eficiente na obtenção de dados em profundidade acerca de diversos aspectos da vida social. A entrevista, quando bem conduzida, possibilita o esclarecimento até de fatores inconscientes que determinam o comportamento humano. Gil (p.63, 2009) afirma ser esta “[ ] uma técnica muito flexível, já que possibilita esclarecer o significado das perguntas e adaptar-se mais facilmente às pessoas e às circunstâncias em que é realizada [...]”.

Foram feitas também, observações de Maria Cecília em diversas situações: a) durante um dia em brincadeiras com uma colega da mesma idade, em sua casa; b) durante uma manhã, na escola, com colegas e professora – nas aulas de Língua Portuguesa e Religião e no intervalo das aulas; c) em companhia dos pais, em casa, durante quatro dias – refeições, assistindo televisão, passeio; d) em visita a minha casa, durante três dias.

Para melhor esclarecer e preservar o caráter unitário do caso, foram identificados, descritos e analisados o local, os atores, bem como os eventos que envolveram os processos e as relações de dificuldades, obstáculos, desafios que demarcaram a vida familiar e escolar de Maria Cecília, tais como, a desconfiança da mãe desde os primeiros meses de Maria Cecília, pois já identificava ações e comportamentos diferentes (maior desenvolvimento da fala) de outras crianças da mesma idade; ansiedade, inquietação motora, a procura por ajuda para identificar sua superdotação ou síndrome de Asperger<sup>2</sup>; a inadaptação à primeira escola e adaptação à segunda escola.

Para registrar os depoimentos da professora e da mãe de Maria Cecília, foi utilizada a entrevista semiestruturada, com perguntas previamente definidas,

---

<sup>2</sup> A Síndrome de Asperger é caracterizada por poucas interações sociais, obsessões, padrões de fala estranha, e outros maneirismos peculiares. Crianças apresentam poucas expressões faciais e dificuldades em ler linguagem corporal dos outros, pois podem se envolver em rotinas obsessivas e exibir sensibilidade incomum aos estímulos sensoriais: incomodar-se com luz que só eles percebem, preferir usar roupas feitas somente de determinado material.

proporcionando, no decorrer do diálogo, novos questionamentos importantes referentes ao tema.

Num primeiro momento, a entrevista com a professora foi realizada na escola, com a participação da orientadora educacional e da coordenadora pedagógica (responsáveis pela orientação dos alunos e pela parte pedagógica da escola), que fizeram questão de permanecerem presentes. Para tanto, foi utilizado um roteiro de perguntas (APÊNDICE A).

No segundo momento, a entrevista foi realizada com a mãe de Maria Cecília com a finalidade de se obter informações sobre a história de vida da criança: como ocorreu seu desenvolvimento, o que percebeu de diferente e especial em sua filha desde os primeiros anos de vida, entre outros. Essa entrevista foi realizada na casa de Maria Cecília, em conversa privada com a mãe. A entrevista foi dividida em duas partes para melhor detalharmos as características inerentes de Maria Cecília e para melhor esclarecer sobre sua vida escolar (APÊNDICE B).

Num terceiro momento, realizou-se uma entrevista com Maria Cecília pontuando aspectos como escola, família, preferências (APÊNDICE C).

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas para um arquivo do Word, a fim de selecionar as expressões e depoimentos mais significativos para elaboração da análise dos resultados.

Outro procedimento realizado foi à apresentação dos Quadros 3, 4 e 5, elaborados por Virgolim e Ourofino/Guimarães que resumem as diversas características de superdotados, para que a mãe e a professora assinalassem aquelas que identificavam em Maria Cecília Posteriormente esses dados foram analisados e confrontados com as teorias da superdotação que fundamentam esta pesquisa.

A pesquisa e as observações foram realizadas na cidade de Eunápolis-Ba, mais especificamente na casa de Maria Cecília com sua mãe e Maria Cecília e na Escola Adventista com sua professora.

Também foram utilizadas informações observadas ao longo da convivência com Maria Cecília, pois a amizade possibilitou a realização de várias visitas em minha residência.

.

## 4 ANÁLISE DE RESULTADOS

### 4.1 História de vida de Maria Cecília

Maria Cecília iniciou sua vida escolar aos quatro anos e seis meses, na Escola Kenedy, localizada na cidade de Eunápolis - BA. Hoje, aos oito anos, cursa o 2º ano do Ensino Fundamental 1.

Sua vida escolar é marcada pela falta de acolhimento que resultaram em dificuldades de adaptação na menina. De acordo com os depoimentos de sua mãe, na primeira escola, Maria Cecília não se adaptou ao ambiente escolar, com muitas crianças e com as atividades pedagógicas que a professora ministrava em classe. Segundo a mãe, Maria Cecília estava passando por uma fase em que a rotina era muito importante e lhe proporcionava segurança. E na escola não havia muito isso.

A Maria Cecília tem oito anos e uma irmã de quatro. Seu pai é funcionário da Secretaria da Fazenda da Bahia e sua mãe é professora de Língua Portuguesa. Com um ano de idade, a menina já identificava animais em gravuras e parecia entender tudo que falavam. Demonstrava muito interesse pela leitura e pelas letras.

[...] Eu me lembro de que os grandes sustos vieram quando ela começou a falar, começou a reconhecer as letras, uma coisa muito abstrata. Eu lembro que um dia ali na cozinha ela olhou para o armário e na junção de duas portas ela reconheceu a letra "P"(MÃE).

Com um ano e quatro meses, em uma viagem, Maria Cecília identificou em uma sacola de compras a letra de seu nome. Sua mãe relata que desde o ventre fazia leituras bíblicas para a filha. O hábito de leitura persiste até hoje, Maria Cecília lê vários tipos de livro: biografias, de ciências e literatura.

A partir do relato, é possível perceber que o ambiente familiar é estimulante. Winner (1998, p.147) confirma que as "crianças superdotadas tipicamente crescem em ambientes 'enriquecidos' – interessantes, variados, estimulantes". No entanto, a mãe reconhece que a facilidade para leitura já era nato na filha,

pois “quando ela tinha um ano e quatro meses, ela foi à farmácia com o pai e, de repente, reconheceu e falou alto o nome Label, fato que deixou o atendente chocado”. Maria Cecília tinha um ano e quatro meses na ocasião.

A mãe de Maria Cecília não sabe exatamente quando ela aprendeu o alfabeto, mas percebeu que a habilidade para a leitura ocorreu naturalmente e antes de frequentar a escola, antes dos quatro anos de idade. De acordo com Moreno, Costa e Gálvez (1997, p. 44), são os pais que notam a curiosidade precoce que as crianças superdotadas possuem sobre o mundo e as habilidades de raciocínio que se manifestam precocemente com um vocabulário avançado e elaborado e com alta capacidade de abstração e concentração.

Além de ter uma memória excepcional, Maria Cecília também demonstrou interesse pela música, desde a mais tenra idade. Em um episódio, a mãe conta que todos cantavam e de repente ela estava fazendo segunda voz em uma canção. A mãe perguntou “quem cantava assim?” e ela respondeu que era ela e que sabia como fazer segunda voz. Maria Cecília demonstra facilidade em reconhecer melodias, cantar e tocar de ouvido. Ela faz aulas de musicalização desde bebê. É importante lembrar que a capacidade de abstração é uma característica presente nas pessoas com altas habilidades (RENZULLI, 1998).

A mãe afirma que a memória da filha é prodigiosa. Desde pequena ela memoriza as posições de objetos em casa, lembra fatos e falas de ocorrências passadas. O pai relatou um fato ocorrido em uma viagem, quando Maria Cecília ganhou uma gérbera, sua flor preferida, de um senhor, em uma plantação na serra capixaba. Passado um tempo, ao indagarem se Maria Cecília se lembrava desse fato, ficaram surpresos com a riqueza de detalhes com que ela descreveu a situação, recordando as vestimentas usadas pela família, as palavras ditas pelo senhor que a presenteou e a cor da gérbera. Esse diálogo se deu, decorridos três anos depois do fato.

Segundo Sabatella (2005) , os superdotados são diferentes porque agem, aprendem, raciocinam e reagem de maneira diversa. Em sua prática, a autora encontrou traços comuns e recorrentes que considera a indicação de alto

potencial. A memória é um dos traços comuns aos superdotados, pois a presença de componentes mnemônicos em idade precoce, lembranças remotas de pessoas, lugares e situações, facilidade para reproduzir relatos, músicas e histórias. Também possuem capacidade para reter e recuperar direções, endereços e localizações.

A mãe relata que optaram por não colocar Maria Cecília na escola antes dos quatro anos (escola maternal), pois concordaram que a melhor convivência seria com ela própria, a mãe. Todos os dias elas tinham o momento que denominaram de “Hora da Escola”, um horário para pintar, recortar, desenhar, escrever e modelar.

Quando completou quatro anos e meio foi matriculada em uma escola privada, sobre a qual os pais tiveram boas referências. Optaram por essa escola, pois acharam que supriria as necessidades de amizades, pedagógicas e rotinas, pois já haviam notado que a filha era especial. Na visita que fizeram à escola para que ela a conhecesse, Maria Cecília começou a ler as placas que encontravam pelo caminho. A coordenadora ficou espantada e disse que realmente ela era especial e que teriam que dar-lhe um atendimento diferenciado.

Preocupados com o desenvolvimento diferenciado da filha, seus pais buscaram ajuda profissional para diagnosticar o que lhe acontecia. A primeira consulta foi a uma neuropediatra, em Vitória. A mãe relata que enquanto aguardavam na sala de espera, descobriu que a filha era semialfabetizada em Inglês. A menina, brincando com o Ipad da mãe, escrevia, sem ajuda, palavras em inglês que a mãe soletrava, para ela. A mãe contou isso para a médica que já observava Maria Cecília e após ouvir o relato de toda vida da menina, descartou o diagnóstico de Síndrome de Asperger. A mãe já havia lido sobre o assunto, pois observava na filha algumas características semelhantes com as da síndrome, bem como a mãe já havia estudado também sobre superdotação. Maria Cecília tinha obsessão por rotinas e sensibilidade incomum aos estímulos sensoriais, que são características de Asperger, mas ao mesmo tempo apresentava inúmeras características de superdotação. Ao saírem do consultório, a médica



neuropediatra deu quase cem por cento de certeza que Maria Cecília era portadora de AH.

Segundo a mãe, Maria Cecília teve muitas dificuldades para se adaptar à escola. O fato de ficar longe da mãe nos primeiros dias trouxe muita angústia e sofrimento. Foi necessário que a pediatra lhe desse um laudo por escrito reiterando a necessidade de que a filha necessitava da presença da mãe por perto, pois Maria Cecília foi acometida de uma forte crise de asma na ocasião. A escola permitiu que a mãe a acompanhasse por 15 dias: a primeira semana permaneceu como auxiliar da professora e na segunda alternava em outras salas de aula, afastando-se gradativamente da presença da filha.

A coordenadora pedagógica e a professora tentaram incluir Maria Cecília em brincadeiras, em atividades em grupos a fim de ajudar na adaptação e entrosamento da aluna. Mas a mãe diz que a filha não era feliz naquele ambiente, pois acreditam que ela aceitou ir à escola porque acreditava que lá encontraria uma antiga colega. Porém, Maria Cecília se decepcionou ao verificar que a amiga já havia “arrumado outra melhor amiga”. Fato que lhe causou sentimento de rejeição. Durante dois anos, Maria Cecília teve dificuldades de levantar-se pela manhã e de se vestir para ir à escola, achava tedioso ir e permanecer lá. Dizia que ficar em casa era melhor, mais divertido. No final do segundo ano, haveria um show de calouros na escola, os colegas optaram em cantar e dançar a música “Lepo, Lepo\*<sup>1</sup>”. Isso foi decepcionante para Maria Cecília, pois ela queria algo diferente mais apropriado para a sua idade e a de seus colegas, que tinham na faixa de seis anos de idade. Maria Cecília desde o ventre ouvia música clássica e na ocasião, ouvia hinos da igreja e músicas infantis. Um belo dia, ela desabafou com a mãe dizendo que queria mudar de escola, pois ali não era feliz.

Além das características intelectuais, os superdotados possuem uma sensibilidade muito maior, do que as outras pessoas. As emoções do superdotado sempre são vivenciadas em grande proporção, mesmo quando

---

\* Hit do carnaval de 2014, da banda baiana Psirico.

criança, os sentimentos e as sensações são muito mais intensos, e esses sentimentos não são afastados com a idade, permanecendo ao longo da vida(SILVA, )

Sabatella (2008, p.101) afirma que:

Os superdotados possuem uma sintonia fina ou hiperconsciência, que lhes permite perceber coisas que os outros não sentem, imaginar coisas que não ocorrem a seus amigos e sentir emoções conflitantes, embasadas em uma profunda compreensão das implicações morais de cada situação.

No ano passado, Maria Cecília ingressou na Escola Adventista de Eunápolis. Segundo a mãe, ela se identificou com o ambiente escolar, pois lá encontrou várias pessoas conhecidas. Nessa turma, ela fortaleceu um laço de amizade com uma menina e conquistou o que tanto queria e precisava. Desde que entrou nessa escola, elas são inseparáveis e com mais três formam um quinteto de meninas.

Ao chegar à nova escola, descobriu que havia um coral, fato que lhe entusiasmou e logo manifestou a vontade de participar. Foi aceita no mesmo ano em que entrou para a escola, pois já sabia ler e escrever muito bem, segundo a professora. Isso foi o diferencial para que ela - a única de sua turma-participasse. Conforme Renzulli (1978, p. 261) “as crianças superdotadas e talentosas são aquelas que possuem ou são capazes de desenvolver este conjunto de traços e aplicá-los a qualquer área potencialmente valorizada do desempenho humano”. O superdotado possui habilidades específicas que consistem na habilidade de aplicar várias combinações das habilidades gerais a uma ou mais áreas especializadas do conhecimento ou do desempenho humano, como dança, fotografia, liderança, matemática, composição musical (RENZULLI, 1986).

Segundo a mãe, a primeira professora de Maria Cecília, da escola Adventista demonstrou sensibilidade e maturidade para lidar com essa situação, pois ao estar ciente das altas habilidades da menina e, apesar de não estar preparada para trabalhar com crianças superdotadas, entendia suas características, suas

limitações (motoras) e suas peculiaridades. Essa sabedoria da professora conquistou Maria Cecília, fato que muito colaborou para a acolhida da aluna. A mãe relata que:

Nessa escola, ela é mais feliz, acorda sem reclamar, volta alegre, tem menos alergias (respiratórias de cutâneas) e está mais integrada com os colegas, pois lá encontrou sua melhor amiga.

Agora Maria Cecília consegue ficar longe da mãe sem sofrimento. Com a mudança de escola, ficou mais independente para se arrumar. Nesse ano, ela se identificou muito com a professora. Faz recados na agenda, todos os dias, para sua professora chamando-a de “favo de mel”, “docinho de coco” e outros apelidos carinhosos. Essa atitude tem influenciado os colegas, pois alguns dizem para suas mães que querem ser como ela: educada, inteligente. Segundo a professora, ela é um modelo, é organizada, tem capricho. Ela está muito motivada com essa professora. A mãe se sente feliz em ver sua filha assim.

#### **4.2 A importância da interação entre família e escola no apoio às crianças com altas habilidades**

A família é o primeiro ambiente que propicia ao indivíduo uma interação sócio emocional para sua total formação e condições de participar da sociedade. É da família a responsabilidade de promover a proteção do funcionamento biológico, da sobrevivência, da transmissão de valores, tradições para garantir seu desenvolvimento.

Para se entender como acontece o processo de desenvolvimento do indivíduo com altas habilidades, é necessário conhecer e entender seu contexto de desenvolvimento primário: origem, valores, cultura. Para tanto, o funcionamento da família tem grande influência no desenvolvimento dos talentos dos filhos, pois conforme for estimulado, ou não, acontecerá seu desenvolvimento cognitivo, motor e psicológico.

O ambiente familiar - pai e mãe – se prepara para a chegada do filho, pois se sabe que a rotina já estabelecida mudará com a chegada do bebê. No lar de Maria Cecília também aconteceu uma preparação para sua chegada, pois era

aguardada com ansiedade e muita alegria pelos pais, que já estavam casados há alguns anos. Segundo a mãe, a gestação foi normal e que desde o momento que soube da gravidez passou a ler livros bíblicos e a ouvir música clássica para o bebê que estava no ventre. Quando nasceu, o bebê demonstrou sinais de ansiedade desde os primeiros dias. A mãe tentava de várias maneiras aquietá-la dando-lhe chupetas: uma usava na boca e outra segurava nas mãos.

Desde os primeiros meses do nascimento, a mãe começou a acompanhar, com a ajuda do tio fisioterapeuta, a movimentação motora da filha. Desde bem pequena perceberam que ela tinha um desenvolvimento diferente de outros bebês da mesma idade, pois fazia movimentos atípicos para sua idade. Outro comportamento que chamou a atenção dos pais foi o interesse por livros com gravuras, quando Maria Cecília tinha poucos meses. A mãe afirma que falava o nome dos animais nas gravuras e a menina apontava com os dedos. Maria Cecília começou a falar muito cedo com clareza e entendimento.

Crianças com AH adquirem habilidades específicas precocemente devido ao seu interesse em aprender. Desde que começou a falar demonstrou interesse pela leitura e letras, com 1 ano e 4 meses já reconhecia a letra de seu nome. Sempre assistiu a DVDs educativos, a mãe não sabe exatamente quando ela descobriu o alfabeto. Com a idade de 3 anos e oito meses Maria Cecília já sabia ler. Seus pais optaram por tê-la em casa até fazer 4 anos. A mãe, sempre presente, começou a anotar tudo o que percebia de diferente na filha: seus movimentos, comportamentos, atitudes. Por vezes, a mãe se questionava se sua filha era possuidora de Síndrome de Asperger, pois apresentava comportamentos, cujo nível de dificuldade era superior à sua idade, tais como: separar brinquedos por tipos e cores, não aceitar mudança de objetos da casa de lugar, não aceitar que suas roupas estivessem fora de um padrão, não aceitar mudança na rotina, não interagir socialmente, sensibilidade de olfato, tato e paladar.

Aos 4 anos e 6 meses de idade, Maria Cecília foi matriculada na primeira escola. Ao percorrer as dependências, ela lia as placas espalhadas pelo caminho, fato que despertou a atenção da coordenadora escolar, que imediatamente sinalizou para a mãe que a filha era realmente diferente e necessitava de um atendimento

diferenciado. Após essa observação, a mãe, que já desconfiava e pretendia procurar ajuda profissional para a filha, resolveu que era hora de ir em busca de um diagnóstico mais esclarecedor. Nesse sentido, Fontes (2012) orienta aos pais que se perceberem que seu filho está diferente de seus amigos e que sua capacidade de aprendizagem e habilidade mental são elevadas, é aconselhável levá-lo para uma avaliação específica com um psicólogo experiente no assunto. Segundo o autor, uma avaliação neuropsicológica é necessária, se as potencialidades estão realmente acima da média de outras crianças.

Para isso a família fez inúmeras viagens à Vitória – ES com a finalidade de consultar uma neuropediatra que, para alívio dos pais, descartou a possibilidade de Maria Cecília portar síndrome de Asperger e, já na primeira consulta, sinalizou que ela possuía altas habilidades. O próximo passo foi levar a menina para ser avaliada por uma equipe multidisciplinar para serem feitas avaliações mais precisas. Maria Cecília participou de uma avaliação neuropsicológica, em uma clínica especializada em desenvolvimento cognitivo. Nessa ocasião, foram avaliadas as principais áreas do desenvolvimento através de anamnese psicológica das Escalas de CCMS, Raven, instrumentos psicológicos entre outros.

De acordo com relato da mãe, Maria Cecília apresentava sintomas de ansiedade desde bebê, não dormia e era muito agitada. Além disso, era muito tímida e aparentava apego com rotinas. Tais traços comportamentais fizeram com que seus pais decidissem levá-la com regularidade mensal, a fim de fazer terapia com uma psicóloga especializada, aconselhada pela médica neuropediatra, na tentativa de ajudá-la a ser mais independente, perder a timidez e a se desprender da necessidade de que tudo acontecesse dentro de uma rotina. Segundo relato da mãe, ainda hoje, ela “rói unhas e quando ela quer falar, “estala os dedos”. Contudo a terapia ajudou-a a diminuir a timidez, a ansiedade e a se desapegar das rotinas que ela fazia questão que ocorressem em várias situações que envolvessem ela ou alguém da família: sempre a mesma festa de aniversário, sempre o mesmo café na cama ( no dia do aniversário), sempre ganhar flores no dia da mulher( sua mãe, avó).

Quando a criança apresenta diagnóstico de altas habilidades requer dos pais que proporcionem a seus filhos oportunidades que enriqueçam e desenvolvam mais suas potencialidades. Essas são algumas sugestões de Boer e Fontes (2012):

- a) Oferecer um ambiente com recursos que estimulem continuamente as capacidades mentais da criança;
- b) Evitar a supervalorização e as expectativas quanto ao desempenho da criança - em geral, ela já é muito exigente - e os pais devem aceitar falhas e ajudar a criança a enfrentar dificuldades de qualquer ordem;
- c) Ajudar a criança a lidar com frustrações emocionais, pois apesar do superdotado não passar por dificuldades no aspecto acadêmico o fracasso faz parte de outros contextos da vida, e prepará-lo para isso é favorecer seu desenvolvimento emocional saudável;
- d) Não se esquecer de que, embora possua capacidades avançadas para sua idade o superdotado deve ser tratado de acordo com a sua faixa etária de desenvolvimento.

Cabe aos pais entrarem em contato com a escola a fim de promover uma maior interação, na solicitação de apoio e orientação, assim que percebem comportamentos diferentes em seus filhos. Depois de uma avaliação do caso, os docentes devem encaminhar a criança à observação de um orientador educacional, e se for o caso, a um especialista. Se realmente se confirmar que a criança é superdotada necessitará da compreensão e ajuda dos pais, bem como de toda a escola.

### 4.3 Os desafios da professora de Maria Cecília

O processo formativo de professores pode ser caracterizado de duas formas: pedagógica e acadêmica, que correspondem respectivamente aos processos que conduzem ao exercício profissional (do professor), e aos estudos específicos em nível científico de um determinado tema (MIARALET, 1977).

A proposta pedagógica atual reconhece a criança como ser integral e criativo, portanto, busca compreender e explorar as diferentes habilidades e potencialidades do indivíduo, proporcionando o desencadeamento das aptidões pessoais. Para tanto, é necessário que ao professor sejam proporcionados cursos de aperfeiçoamento e conhecimentos atualizados sobre os diversos aspectos educacionais (COSTA, 2012).

De acordo com relato da atual professora de Maria Cecília, formada em Pedagogia e habilitada para trabalhar com crianças do ensino fundamental 1- durante todo o curso de graduação, houve apenas um período que explorou conteúdos de Educação Inclusiva e que “pouco foi mencionado sobre altas habilidades”.

A coordenadora - promove a integração dos envolvidos no processo ensino-aprendizagem - e a orientadora - zela pela formação dos alunos como cidadãos, ajuda os professores a compreender os comportamentos das crianças - relataram que não sabiam sobre a superdotação de Maria Cecília, mesmo já fazendo dois anos que ela estuda na escola e de ter sido diagnosticada como superdotada. Enfatiza-se que a proposta pedagógica da escola “visa atender as necessidades gerais de aprendizagens, estimulando a criticidade e a criatividade, objetivando transformar conhecimentos e atitudes, a partir de soluções de problemas que remetem à realidade da vida”, conforme se lê no site da escola.

Para o bom atendimento e relacionamento de aluno superdotado é necessário que a escola considere as diferenças e que os profissionais compreendam esse aluno como sujeito singular, portador de subjetividades e possuidor de múltiplas inteligências. É preciso perceber que seu aprendizado acontece de diferentes

maneiras, e que seu tempo também é diferenciado. Esses aspectos se fazem importantes quando se opta por realizar o processo de inclusão (COSTA, 2012).

A professora reconhece que Maria Cecília é possuidora de AH, pois afirma ser “uma ótima aluna, interessada, aplicada, que entende com facilidade e faz as atividades com destreza”. Diz também que ao terminar suas atividades – sempre antes dos colegas - é incentivada a usar o dicionário, pois demonstra interesse em conhecer palavras e seus significados. Comenta que a aluna tem habilidades em escrever textos em geral, inclusive peças de teatro que são apresentadas pela turma em eventos escolares.

A professora diz que usa de sensatez, ou seja, tenta escolher o melhor caminho para ajudar sua aluna. Ao perceber a necessidade de Maria Cecília manter sua rotina, a professora estabeleceu um roteiro diário com as atividades que os alunos de toda a turma deveriam fazer. Essa função estimulou Maria Cecília, pois durante toda a manhã se dedica a essa tarefa. Essa estratégia pedagógica é extremamente benéfica, pois contribui para melhorar o rendimento da turma, bem como ajuda, especialmente, a Maria Cecília que é apegada a rotinas e prima pela organização e perfeccionismo. O superdotado possui um modo peculiar de ser e estar no mundo, intensificado pela sensibilidade, curiosidade e assincronia de desenvolvimento. Isso faz surgirem características como as descritas acima (OUROFINO; GUIMARÃES, 2007, p.49).

O comportamento questionador do aluno com altas habilidades, muitas vezes, desequilibra a atuação do professor, que por falta de preparo e conhecimento insuficiente sobre determinados assuntos, sente-se ameaçado e passa a ver nesse tipo de situação, um grande desafio. Porém, essa professora já havia conversado com sua antecessora e com a mãe de Maria Cecília, e tenta ajudar como pode, pois há limitações como: uma turma heterogênea, falta de apoio pedagógico e infraestrutura. Para isso, desde o começo do ano letivo, busca formas de conquistar a aluna com atividades extras e solicitando sua colaboração para auxiliar seus colegas que possuem dificuldades de aprendizagem. Dessa maneira, explora suas capacidades superiores ao solicitar sua colaboração junto aos colegas na conclusão das tarefas, pois Maria Cecília



aprende com facilidade e a professora encontrou nessa uma forma para ocupá-la.

O processo de inclusão não se restringe à aceitação dos alunos diferentes em sala de aula. Ultrapassando essa visão reducionista, requer a compreensão das diferenças, a adequação de estratégias de aprendizagem e reflexões contínuas e debates que envolvam a participação de professores e alunos, incluindo o portador de altas habilidades. É importante a criação de estratégias educacionais e métodos que correspondam às necessidades específicas de cada caso. E isso requer atenção criteriosa e habilidades, conforme acentuam Sabatella e Cupertino (2007, p.69)

Planejar alternativas de atendimento ao aluno com altas habilidades, que atinjam suas reais necessidades, expectativas dos pais, bem como correspondam à filosofia educacional das escolas, sem entrar em conflito com o ensino regular, é um trabalho que deve ser executado com habilidade e critério.

Nesse sentido, faz-se necessária a atuação do professor reflexivo, considerando que este deva estar em constante busca por saberes que o mantenham atualizados a fim de se sentir preparado para enfrentar os desafios que advém da heterogeneidade presente na sala de aula.

A professora relata suas dificuldades em atender a aluna Maria Cecília, pois não tem conhecimento do tema altas habilidades. Por outro lado, ela sabe das necessidades da aluna e a descreve como: atenta, rápida nas atividades, tem senso de organização acentuado, mantém seu caderno muito organizado e realiza suas atividades com muito zelo.

Relata também que tenta estimulá-la com aulas dinâmicas a fim de não manter uma rotina que poderia tornar a aula enfadonha. Desse modo, traz muitas novidades, diversifica as estratégias e as tarefas e troca as cadeiras de lugar. Todos os dias, ao iniciar sua aula, a professora expõe o que planejou, escrevendo no quadro uma lista de atividades que serão realizadas durante a manhã. Percebeu que essa forma de introduzir sua aula cria expectativa nos alunos, fazendo com que se sintam mais estimulados para realização da próxima atividade.

A avaliação é processual, contínua e permanente, não se restringindo a momentos específicos, ou seja, acontece todos os dias. Maria Cecília é avaliada da mesma maneira que seus colegas. A professora afirma que avalia a participação, as atividades, as provas escritas, as pesquisas e os debates. As provas de língua portuguesa são iguais para todos e Maria Cecília apresentou excelente resultado em todas que foram realizadas nesse ano.

A observação realizada na sala de aula de Maria Cecília permitiu constatar que há uma só professora para atender 23 alunos de uma turma heterogênea. Mesmo estando próximo do final do ano letivo, há alguns alunos que não reconhecem as letras e não conseguem escrever a palavra sem que a professora a soletre. A professora posicionou-os próximos entre si e tenta ajudá-los. Mas enquanto isso, os alunos que têm mais facilidade e fizeram rápido ficaram desocupados, conversando ou fazendo pinturas. Maria Cecília apresentou um comportamento bastante diferenciado: fez suas atividades em silêncio, com muita facilidade, sem apresentar dúvidas e com muito capricho - letra legível, pintura excelente, respostas completas e corretas. A professora disse que está usando um tempo final da aula para atender os alunos que não estão alfabetizados e, às vezes, tem a ajuda de uma auxiliar em sala.

Verificou-se que apesar do esforço da professora em atender bem a aluna Maria Cecília, esta fica bastante tempo sentada, quieta, sem poder desenvolver suas potencialidades devido à carência de atenção e o tempo indisponível pela professora.

Quando os superdotados são mantidos em classes regulares, encontram amigos, com os quais brincam, fazem esportes e desenvolvem sua vida social, os alunos experimentam a inclusão e aprendem, ao mesmo tempo, a conviver com a desigualdade. Por outro lado, ao participarem de atividades especiais, dentro e fora da sala de aula, convivendo com iguais, se diferenciam. Podem ainda satisfazer suas curiosidades particulares, buscar desafios compatíveis com seus potenciais e trabalhar seus afetos e emoções, aprendendo sobre si mesmos (SABATELLA E CUPERTINO, 2007, p.70).

#### 4.4 Características de superdotação identificadas em Maria Cecília, conforme os conceitos de Virgolim e Ourofino / Guimarães.

Os resultados dessa discussão são elaborados a partir de informações obtidas através de observações e entrevistas com a mãe e a professora de Maria Cecília, bem como com a própria Maria Cecília.

Para tanto, foram utilizados quadros com características: a) comportamentais e afetivo emocionais dos superdotados acadêmicos e produtivo-criativo, segundo Virgolim (2007); b) de pessoas com altas habilidades relacionadas à motivação e liderança, segundo Ouro Fino e Guimarães (2007); c) presentes em diferentes graduações no mundo emocional da pessoa superdotada, segundo Virgolim (2007).

Características	Superdotado	Entrevistadas	
<i>Comportamentais</i>	<i>a) Acadêmico ou escolar</i>	<i>Mãe</i>	<i>Professora</i>
	-tira notas boas na escola	sim	Sim
	-apresenta grande vocabulário	sim	Sim
	-gosta de fazer perguntas	sim	Sim
	-necessita de pouca repetição do conteúdo escolar	sim	Sim
	-aprende com rapidez	sim	Sim
	-apresenta longos períodos de concentração	sim	Sim
	-tem boa memória	sim	Sim
	-é perseverante	Sim (depende da área de interesse)	Sim
	-tem excelente raciocínio verbal e ou numérico	sim	Sim
	-é um consumidor de conhecimento	sim	Sim
	-lê por prazer	sim	Sim
	Tende a agradar aos professores	Sim/às vezes	Sim
	Gosta de livros técnicos	sim	----
	-tendências a gostar do ambiente escolar	Não muito	Sim
	<i>b)produtivo-criativo</i>		
	-não necessariamente apresenta QI superior		
	-pensa por analogias	sim	-----
	-é criativo e original	sim	Sim
	-usa o humor	Sim/às vezes	Sim
	-demonstra diversidade de interesses	sim	Sim

	-gosta de fantasiar	sim	Sim
	Gosta de brincar com as ideias	sim	Sim
	-não liga para as convenções	não	----
	-é inventivo, constrói novas estruturas.	sim	Sim
	-é sensível a detalhes	sim	Sim
	-procura novas formas de fazer as coisas	sim	Sim
	-é produtor de conhecimento	sim	Sim
	-não gosta da rotina	gosta	gosta
	-encontra ordem no caos	não	Não
	-		
<i>Afetivo emocionais</i>	<i>a) Acadêmico Escolar</i>		
	- tem necessidade de saber sempre mais, no entanto, pode estabelecer metas altas para si mesmo (irreais) e sofrer por medo de não atingir tais metas	sim	Sim
	- demonstra perseverança nas atividades motivadoras para ele	sim	Sim
	-apresenta grande necessidade de estimulação mental	sim	Sim
	-apresenta grande intensidade emocional	sim	Sim
	-tem paixão por aprender	sim	Sim
	-Revela intenso perfeccionismo	sim	Sim
	<i>b) Produtivo Criativo</i>		
	-investem uma quantidade significativa de energia emocional naquilo que fazem	sim	Sim
	-apresentam preocupação moral em idades precoce	sim	----
	-necessitam de professores sensíveis aos seus intensos sentimentos de frustração, paixão, raiva e desespero.	sim	Sim
	-precisam do apoio dos adultos para persistir em suas tarefas ou para canalizar suas energias de forma mais eficiente	sim	Sim
	-frequentemente questionam regras/autoridade	sim	Sim
	- demonstram: sensibilidade/empatia, autoconsciência, perceptividade, capacidade de reflexão, senso agudo de justiça e imaginação vivida.	Sim. Senso de justiça aguçadíssimo. Entretanto, ela não é muito perceptiva.	Sim

QUADRO3 - Características relacionadas ao comportamento e afetivo emocionais dos superdotados acadêmicos e produtivo-criativo.

Fonte: Virgolim (2007)

CARACTERÍSTICAS	ENTREVISTADAS	
	MÃE	PROFESSORA
- Perceptividade	Mais ou menos (MAIS IMPESSOAL)	-----
-Perfeccionismo	sim	Sim
-Necessidade de entender	sim	Sim
-Necessidade de estimulação mental	sim	-----
-Necessidade de precisão e exatidão	sim	-----
-Senso de humor	Sim/ÀS VEZES	Sim
-Sensibilidade e empatia	Sim/ÀS VEZES	-----
-Intensidade	sim	Sim
-Autoconsciência	ÀS VEZES	Sim
-Não conformidade	sim	-----
-Questionamento da autoridade e introversão	sim	Sim
Perseverança	Depende da área de interesse	sim

QUADRO 4 - Características relacionadas à motivação e liderança da pessoa superdotada.

Fonte: Ouro Fino e Guimarães (2007)

Características	Entrevistadas	
	Mãe	Professora
-Dificuldades nos relacionamentos sociais	SIM, MAS JÁ MELHOROU MUITO.	-----
- Dificuldade em aceitar crítica	sim	-----
Recusa em realizar tarefas rotineiras e repetitivas	sim	sim
Excesso de competitividade	NÃO	-----
-Intensidade de emoções	sim	-----
-Ansiedade	Sim. MUITO ALTA.	sim
-Perfeccionismo	sim	sim
-Tendência em questionar regras, entre outras.	sim	sim

QUADRO 5 - Características principais, presentes em diferentes graduações no mundo emocional da pessoa superdotada.

Fonte: Virgolim (2007)

Com base nos fundamentos teóricos de Renzulli, Virgolim e Ourofino/Guimarães, que sustentam este estudo e também com base nos depoimentos dos sujeitos investigados, é possível afirmar que Maria Cecília apresenta características de superdotação/altas habilidades sobre as quais se discutem a seguir.

### 1) *Nível de desempenho acima da média.*

“Ela sempre tira notas máximas em todas as matérias” (Mãe).

Uma das características que se torna mais explícita a superdotação é ter um desempenho ótimo na escola, muitas vezes demonstrado pelas notas. Esse é um dos principais motivos para se encaminhar um aluno, quando se suspeita que possua altas habilidades/superdotação, pois apresentam desempenho diferenciado em suas notas escolares. Pôde-se confirmar isso através do seu boletim escolar, do ano de 2016, 1º e 2º bimestres, apresentado pela mãe:

Disciplina	1º Bimestre	2º Bimestre
Língua Portuguesa	9,8	9,0
Matemática	9,8	9,3
Ciências	9,7	9,8
História	9,8	9,0
Geografia	10,0	9,2
Inglês	9,5	9,8

Para Winner (1998) o superdotado é uma pessoa em desenvolvimento que apresenta um desempenho superior à média em uma ou mais áreas, comparados à população geral da mesma faixa etária. Muitas das características presentes nestes indivíduos diferem das encontradas em indivíduos da mesma faixa etária.

### 2) *Apresenta vocabulário excepcional*

Maria Cecília precocemente apresentou um excelente vocabulário, desde que aprendeu a falar. Com apenas um ano e cinco meses já reconhecia a letra “A” e fazia associações com seu nome, dizendo A de Ana. Hoje, aos oito anos, seus pais, sua professora e seus amigos são surpreendidos com o uso de palavras rebuscadas e com o emprego adequado desses termos. A linguagem é um aspecto expressivo para ser considerado como característica de superdotação, uma vez que o superdotado apresenta facilidade para expor suas ideias, emprega um vocabulário superior à idade, demonstra um nível de leitura acima da média, bem como facilidade para lidar com novos códigos linguísticos e originalidade na comunicação, entre outros elementos da linguagem criativa

(FLEITH, 2007, p.46). Maria Cecília fala corretamente, desde muito cedo, pronunciando as palavras com clareza e os verbos são conjugados corretamente.

### **3) *Curiosidade***

Em viagens e passeios, Maria Cecília observa tudo que a rodeia e faz perguntas o tempo todo. Se for a museus, quer saber os detalhes sobre história, quem foram as pessoas. Se for a uma horta orgânica pergunta tudo sobre plantas: como se planta, quanto de água precisa, o que produz.

Segundo Virgolim (2007), os responsáveis pela educação da criança superdotada devem cultivar a sua curiosidade, motivá-la a buscar novas estratégias e construir seus próprios caminhos em busca do saber (Virgolim, 2007, p.16).

### **4) *Aprende com o primeiro contato do conhecimento novo.***

Foi observado em sala de aula, que em poucos minutos Maria Cecília elaborou suas atividades, sem apresentar dúvidas, sendo a única da sala que respondeu corretamente conforme os enunciados das atividades. Essa é uma característica clara de superdotação acadêmica, pois se caracteriza pela facilidade de assimilação dos conteúdos, nas primeiras explicações e até às vezes sem necessidade delas. Conforme afirmam Guedes (2013), Cupertino (2008), Fleith (2007) “a maioria dos superdotados é autodidata”.

### **5) *Alto nível e facilidade de concentração:***

A aluna Maria Cecília consegue se concentrar para resolver atividades, pra estudar uma lição, ouvir histórias, por mais tempo que outras crianças. Isso não é comum, pois, nessa idade, as crianças tendem a se distrair e tentar trocar de atividade em períodos de tempo bem inferiores. Ela permanece por horas fazendo desenhos e pintura. A mãe relata que “aos cinco anos ela assistiu ao filme “Noviça Rebelde” e achou fantástico”. É importante lembrar que o filme tem

a duração de três horas – bastante longo para uma criança de cinco anos – e o conteúdo do filme requer capacidade de entendimento.

#### **6) Boa memória:**

Sua mãe relata que “[...] a memória dela não é uma memória normal... é como se ela gravasse um microfilme. Ela lembra tudo, a fala da pessoa, a roupa da pessoa, tudo.” Relatou um fato que marcou a família: quando ela tinha menos três anos, estiveram em minha casa em Prado, Bahia, onde permaneceram por 3 dias. Quando se organizavam para irem novamente, mais de um ano depois, começaram a conversar e relembrar o que haviam comido e onde tinham passeado na viagem anterior. Nessa situação, Maria Cecília descreveu com detalhes as roupas, piadas, a casa e a comida da viagem. São informações que os adultos não lembram.

Virgolim (2007, p.46) ressalta que “aprendizagem rápida, memória prodigiosa e níveis avançados de desenvolvimento são observáveis desde a tenra idade”.

#### **7) Perseverança:**

Segundo informações da mãe, Maria Cecília se mostra perseverante quando as atividades, leituras, assuntos são de seu interesse. Tem capacidade de ficar bastante tempo fazendo pinturas, lendo, pesquisando, quando isso lhe desperta interesse.

Segundo Virgolim (2007), a perseverança é uma característica marcante do superdotado e também está presente nos Três Anéis de Renzulli e enfatiza que o superdotado possui “[...] grande poder de concentração nas atividades que realmente prendem seu interesse. A perseverança está relacionada ao período de atenção e à habilidade de se concentrar [...]” (VIRGOLIM, 2007, p.48).



**8) Tem excelente raciocínio verbal e numérico:**

Maria Cecília aprendeu a falar muito cedo e desenvolveu fluência e boa memória verbal e matemática excepcionais.

Quando perguntada sobre como ela ajuda seus colegas de classe nas aulas de matemática, ela respondeu que: “Ah! Aí eu pergunto o que você come com molho de tomate? É arroz, feijão ou macarrão? Eu faço perguntas desse tipo pra eles entenderem...”. Entende-se que ela leva os colegas a raciocinarem para resolverem os problemas, pensando por analogias – característica de superdotação descrita por Virgolim (2007) – Esse foi um exemplo que Maria Cecília encontrou para exemplificar como ajuda os colegas na escola, não o que ela usou na ocasião esses termos.

Aos oito anos, além de se expressar com destreza verbalmente, Maria Cecília já sabe tabuada e faz contas de porcentagem. Essas coisas ela sente necessidade de aprender e pergunta aos pais como se faz. Os pais, por sua vez, não fazem alarde e fazem parecer natural. Ensinam o que ela pede, o restante ela aprende sozinha.

**9) Interesse pelo conhecimento de elevado nível, prazer pela leitura (literatura e técnica):**

Ao ser indagada sobre o que gosta de estudar e o que gosta de fazer nas horas de folga, Maria Cecília demonstra gostar de ler livros técnicos e literatura em geral. Afirmou [...] Gosto de pesquisar as aves e ler biografias nas horas de folga. (Maria Cecília). Ora, as pessoas com superdotação necessitam de períodos para reorganizar seus pensamentos e aprendizados. Pode-se perceber que essa necessidade em Maria Cecília se iniciou bem cedo, pois foi estimulada pelos pais. Ela tem a sua disposição duas coleções de biografias de grandes nomes da história, artes e ciências, as quais explora com frequência. Também fazem parte de sua leitura prazerosa livros de literatura como Poliana, livros de Ziraldo e Hans Christian Andersen, entre outros. Já leu livros sobre fenômenos físicos, químos e biológicos. Adora leitura relacionada às curiosidades do mundo animal,

mineral e também sobre botânica. Frequentemente, Maria Cecília usa os livros de ciências que tem a sua disposição para leitura e fazer algumas experiências descritas nos livros. Atualmente, a mãe relatou que ela está lendo livros técnicos: a Trilogia intitulada Fenômenos Físicos, Químicos e Biológicos.

#### **10) *Tendência a agradar aos professores:***

Maria Cecília demonstra grande estima e afeto pela atual professora. Costuma criar expressões afetuosas para designar sua professora, tais como: “favo de mel”, “docinho de coco”, entre outros. Na agenda escolar, escreve bilhetes com esses apelidos.

#### **11) *Criatividade e originalidade:***

Quando questionada sobre o que gosta de estudar nas aulas de matemática, Maria Cecília respondeu assim “eu acho interessante quando eu ganho minha mesada que eu tenho que calcular as coisas, o tanto que tenho que pagar pro meu pai. Acho legal isso..”. Sua resposta demonstra originalidade e criatividade e que faz conexão do conhecimento científico com o mundo real. Logo, ela contextualiza o conhecimento aprendido na escola, dando-lhe um significado para sua vida. Segundo Renzulli (1978), a criatividade é um dos aspectos determinantes na personalidade dos indivíduos que se destacam em alguma área do saber humano. Maria Cecília também demonstra interesse pela culinária. Em entrevista relatou que “na casa de minha vó eu gosto de ajudar ela na cozinha, fazer biscoito; com a minha bisavó eu gosto de ajudar a fazer cocada de cacau”. Segundo a mãe, ela tem paladar e olfato apurados e já inventa receitas, desenvolveu sozinha uma sobremesa para a família.

#### **12) *Bom humor:***

Por várias vezes pode-se perceber que a menina tem humor apurado. Desde os três anos gostava de contar piadas durante o almoço, criando um momento de descontração e alegria, ao fazer todos rirem com seu jeito peculiar de imitar personagens. Em outras ocasiões, presenciou-se sua atuação encenando

tirinhas de livros infantis com graça que suscitava gargalhadas na plateia. Também gosta de teatro, dramatiza as falas da personagem “Luluzinha” e inventa anedotas.

### **13) *Diversidade de interesses:***

Na entrevista realizada com Maria Cecília pode-se perceber que ela se interessa por várias áreas do conhecimento. Atualmente, sua leitura preferida são biografias de grandes nomes de diversas áreas: ciências, artes, história. Ela também gosta de pesquisar pássaros e colecionar folhas de árvores exóticas. Segundo informações obtidas em entrevista, ela demonstra interesse por música: toca piano e flauta e canta no coral da escola. Aprende inglês com facilidade e também desenha e pinta com muita destreza. Atualmente está aprendendo bordado. Adora ir a museus. Prefere assistir a filmes, musicais ao invés de animações. Assiste a programas de culinária dirigidos a adultos e gosta de colocar em prática as receitas que assiste nos programas. Essa diversidade de interesses demonstra que Maria Cecília possui maturidade diferenciada de seus pares. Normalmente uma criança com essa idade teria outros interesses como: brincar com bonecas, jogar bola, assistir a desenhos animados.

Na maioria dos casos, a motivação em fazer determinadas tarefas ligadas aos seus interesses e a criatividade de suas produções artísticas seriam fatores impulsionadores para que níveis mais altos de produtividade pudessem ser atingidos. (VIRGOLIM, 2007, p. 38)

### **14) *Fantasia e brinca com as ideias***

Maria Cecília em conversa informal contou que há pouco tempo atrás tinha vários amigos imaginários. Era uma professora e vários alunos. Cada amigo tinha um nome. Um deles estava com ela em todos os lugares. Os outros, ela os encontrava na escola. Desde bem pequena, Maria Cecília gostava de brincar de teatro com a mãe, imaginando mentalmente a fala dos personagens e determinando quais as suas e quais as da mãe. Depois faziam a encenação do teatrinho.

Segundo Virgolim (2007, p.28) o superdotado é muito empenhado em artes plásticas, musicais, dramáticas, literárias ou cênicas (por exemplo, facilidade para expressar ideias visualmente; sensibilidade ao ritmo musical; facilidade em usar gestos e expressão facial para comunicar sentimentos).

### **15) Inventivo, constrói novas estruturas e procura novas formas de fazer as coisas.**

Quando tinha menos de 2 anos, a mãe de Maria Cecília sentava no chão para brincar com ela e mostrava pequenos brinquedos e falava as cores. Depois de um tempo a mãe percebeu que ela separava os brinquedos por tipos e cores.

Alunos superdotados diferem uns dos outros também por seus interesses, estilos de aprendizagem, níveis de motivação e de autoconceito, características de personalidade [...] (VIRGOLIM, 2007, p. 28)

### **16) Sensibilidade a detalhes**

Quando das observações em sala de aula, pode-se perceber que Maria Cecília cuida dos detalhes. Na atividade proposta pela professora era necessário copiar do texto uma frase. Percebeu-se que a aluna copiou tudo detalhadamente como estava no texto (pontuação, aspas). A pintura feita por ela durante a aula foi bem detalhada cuidando das cores adequadas para cada desenho.

Virgolim afirma, quanto às habilidades criativas do superdotado, que “[...] importante habilidades de adicionar detalhes a uma ideia, o que inclui o desenvolvimento, o embelezamento e a implementação de uma ideia”.

Em entrevista, a mãe relatou que Maria Cecília é extremamente sensível a odores, texturas e sabores. Um fato acontecido chamou muito a atenção da mãe: Maria Cecília sempre usava um determinado creme dental para crianças. Um dia, para testar a filha, a mãe resolveu tirar o velho (fazia dias que estava usando) por um creme novo, sem que ela percebesse. Imediatamente, ao colocar a

escova na boca, a menina percebeu que não era o mesmo, que a mãe havia trocado.

Ourofino e Guimarães (2007, p.48) afirmam que

“[...] em termos afetivos, os indivíduos superdotados são notados pela grande sensibilidade, proveniente da acumulação de uma quantidade maior de informações e emoções, que geralmente estão além do que podem absorver e processar”.

### ***17) Produz conhecimento, necessidade de saber sempre mais e paixão por aprender***

Conforme relato da professora, Maria Cecília frequentemente se sente estimulada a produzir textos que depois se transformam em teatro apresentado pela turma.

Quando viaja com a família, demonstra interesse em saber detalhes da história do lugar, ou da maneira como se planta determinada horticultura, ou que tipo de culinária se pode fazer com determinado elemento. A curiosidade é a expressão mais concreta desse alto nível de pensamento e a fase dos “porquês” é uma constante entre indivíduos superdotados (SABATELLA, 2005).

*“Gosto de pesquisar as aves que tem por aqui..”*

Em conversa com Maria Cecília, ao ser perguntada sobre o que mais gosta de fazer no tempo livre, ela respondeu que gosta de pesquisar sobre aves, apesar de ser um assunto que não faz parte de seu currículo regular. Essa característica faz parte de uma combinação de características compreendidas como a expressão intelectual dos indivíduos altamente inteligentes.

Maria Cecília está lendo uma trilogia intitulada Fenômenos Físicos, Químicos e Biológicos. Mas além de ler, ela aplica o que aprende em situações corriqueiras. A mãe conta que em casa havia um cacho de bananas que não amadurecia. O pai sugeriu jogá-lo fora e ela interveio dizendo que se colocassem uma maçã

madura dentro de um saco com as bananas, elas amadureceriam e não precisariam jogá-las fora.

**18) *Apresenta grande necessidade de estimulação mental e investe uma quantidade significativa de energia emocional naquilo que faz***

Além de ir à escola e fazer as tarefas pedidas pela professora, Maria Cecília gosta de assistir DVDs educativos e desenhos inteligentes que relatam experiências científicas. Frequentemente faz experiências em casa, na companhia dos pais com microscópio, auxílio de livros de ciências específicos. Maria Cecília possui aprendizagem rápida, memória prodigiosa e alto nível de desenvolvimento, para tanto, os pais relatam que ela precisa manter estimulação mental frequentemente.

Winner (1998) chama a atenção para a necessidade de se prover um ambiente enriquecido com estimulação constante e variada.

Em entrevista, a mãe relatou que a ansiedade sempre foi intensa e motivo de preocupação para ela. Desde bebê, a menina demonstrava inquietação, havendo períodos em que não dormia e precisava muito tempo para acalmá-la. A ansiedade é mais aparente em Maria Cecília, quando há alguma atividade atraente para ela na escola, ou quando quer contar algo que aconteceu na escola, ou quando vão ao laboratório fazer experiências, nas aulas de ciências. Nesses momentos seus olhos brilham e suas mãos ficam inquietas.

**18) *Perfeccionismo***

Quanto ao perfeccionismo de Maria Cecília, a professora relata que [...] ela não é muito rápida nas atividades, pois gosta de deixar seu caderno muito organizado e faz com muito zelo suas atividades, é perfeccionista.(Professora)

Durante a visita à sala de Maria Cecília, pode-se perceber que ela faz as atividades com muito capricho. Sua letra é muito bonita, respostas claras e a pintura é muito bem feita, comparando-se com os outros colegas de sua sala.

Segundo Virgolim (2007, p.46), “o perfeccionismo vem de um ideal abstrato que o indivíduo coloca para si mesmo, em função da sua facilidade em lidar com abstrações”.

A autora ainda comenta que a mente do superdotado coloca-se altos padrões – às vezes inalcançáveis – que são baseados em sua consciência e capacidade mental avançada.

A mãe de Maria Cecília relatou vários eventos relacionados a esse aspecto: “Quando ela era menor teve problemas com esse aspecto. Se a roupa estivesse organizada no guarda-roupa de maneira diferente, se incomodava. Era necessário fazer o mesmo caminho para a escola todos os dias. Certa vez, ela ganhou seu primeiro café na cama (aos três) anos. Uma bandeja arrumada com capricho: seus alimentos preferidos para esta hora do dia e flores, sua paixão.

No ano seguinte, ficou chateada ao receber o mesmo presente. Disse que os elementos não estavam arrumados da maneira correta na bandeja, como no ano anterior. Só ficou plenamente satisfeita e comeu quando a bandeja foi organizada da maneira “correta”, igual à do ano anterior. ”

O modo peculiar de ser e estar no mundo, intensificado pela sensibilidade, curiosidade e assincronia de desenvolvimento, traz à tona características como a descrita acima.

***19) Necessitam de professores sensíveis aos seus intensos sentimentos de frustração, paixão, raiva e desespero.***

Maria Cecília encontrou em sua professora atual uma pessoa sensível às suas necessidades, capaz de conduzi-la em suas tarefas e capaz de integrá-la na sala de aula como uma aluna comum.

Para Alencar (2003, p.49), os problemas evidenciados pelos alunos que se destacam por suas habilidades superiores estão relacionados à frustração e falta de estímulo diante de programas acadêmicos monótonos e repetitivos que não favorecem o desenvolvimento e expressão de seu potencial superior.

### **20) *Precisam do apoio dos adultos para persistir em suas tarefas ou para canalizar suas energias de forma mais eficiente***

Quando Maria Cecília ficou doente e não foi à escola por vários dias, a professora atual elaborou diversas cartas, com os colegas para enviar à Maria Cecília. Essa atitude deixou-a feliz e sensibilizada, motivando-a a querer voltar logo para a escola.

Alencar (2007, p. 13) salienta que com o apoio de professores bem qualificados e possibilidades de interação com colegas com características ou interesses similares, os superdotados crescem em competência e em habilidade.

### **21) *Questionamento de regras/autoridade***

O superdotado aprende muito cedo o significado da frase “isso não é justo”, e rapidamente percebe injustiças contra ele e os outros. Um agudo senso de justiça invariavelmente leva ao questionamento das regras e de figuras de autoridade. Com Maria Cecília não é diferente, quando não concorda com determinações dos pais, questiona o que acha imposição e desnecessário.

Conforme afirma Virgolim (2007, p.49), o superdotado possui um agudo senso de justiça que leva ao questionamento das regras e de figuras de autoridade. Também o questionamento e a arguição são formas de exercício mental para eles, que se engajam nisso por puro prazer, como um método de aprendizagem e para provar um ponto de vista.



**22) Demonstração de sensibilidade/empatia, autoconsciência, perceptividade, capacidade de reflexão, senso agudo de justiça e imaginação vívida. Intensidade emocional**

Em suas falas e ações demonstra senso de justiça aguçadíssimo. Durante as observações feitas na escola, Maria Cecília foi a única menina que mostrou simpatia e tentou ajudar um colega maior e um pouco obeso a brincar de subir e descer, durante o intervalo das aulas. Mas, segundo a mãe, a menina não é muito perceptiva (se não estiver vinculada emocionalmente à situação), não consegue perceber situações de tristeza, momentos de reflexão. “Se ela não estiver interessada na pessoa, não é capaz de enxergar emoções nítidas”, relatou a mãe.

Virgolim argumenta que [...] são capazes de separar as coisas na mente e ver todas as formas intrincadas pelas quais poderiam ser melhoradas, incluindo a si mesmas.

**23) Dificuldade nos relacionamentos sociais:**

“Ah! A amiga que eu mais gostava e que eu conhecia lá não queria ficar comigo.”

Maria Cecília era bastante tímida desde pequena. Demonstrava empatia com poucas pessoas. Relacionava-se somente com dois primos mais velhos e algumas crianças da sua igreja. Ao entrar para a escola (na primeira escola) ela esperava que uma menina conhecida seria sua parceira, mas isso não aconteceu, pois a amiga já havia encontrado outra colega na escola com quem dividia as brincadeiras. Maria Cecília sentiu-se isolada e menosprezada, tendo dificuldades de relacionamento com os colegas, durante os dois anos em que estudou nessa escola.

Após dois anos estudando nessa escola e fazendo terapia, mudou-se para a Escola Adventista. Lá, segundo Maria Cecília e a família, foi bem aceita e tem uma amiga inseparável e tem outras amigas também.

Ourofino e Guimarães (2007, p. 41) comentam que mesmo em períodos de recreação, os superdotados procuram o isolamento, que é proveniente da divergência de interesses, atitudes, inteligência e criatividade que os qualificam. Essas diferenças resultam em dificuldade de entrosamento com colegas da mesma sala.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu constatar a visível escassez em estudos referentes ao desenvolvimento, atendimento e identificação de educandos com altas habilidades/superdotação, que permitissem compreender as emoções, ritmos e as dinâmicas de aprendizagem que poderiam propiciar um trabalho educativo mais elaborado e voltado para esses alunos. Pouco material disponível foi encontrado na circunscrição do estado do ES e na região lócus desta pesquisa, a respeito do tema. Esse fato permite considerar a relevância desta pesquisa, que poderá dar início a uma importante e ampla discussão a fim de esclarecer os inúmeros aspectos relativos à superdotação.

Foram pesquisadas as teorias consideradas mais relevantes, nesse sentido o estudo está fundamentado nos apontamentos de Renzulli, Virgolim e Fleith. Também se elucidou dúvidas quanto ao conceito de termos usados sem coerência como: gênio, prodígio, precoce e superdotado, associando-os a teoria de Renzulli e os três anéis.

Com a investigação sobre as dificuldades enfrentadas pelos pais de Maria Cecília, desde seu nascimento até os dias atuais, constatou-se que muitos foram os desafios para se esclarecer e se obter um diagnóstico sobre sua necessidade especial. Os pais observaram precocemente algumas peculiaridades no comportamento da filha, catalogaram, pesquisaram e fizeram viagens em busca de saídas que os ajudassem a entender e auxiliar a filha. No momento em que Maria Cecília iniciou sua vida escolar, seus pais também precisaram enfrentar situações como inadaptação, resistência e desmotivação da filha em ir à escola.

Através do levantamento das características de superdotação apresentadas por Maria Cecília foi possível compará-las com as características comuns dos possuidores de altas habilidades e verificou-se que ela possui a maioria das características apresentadas e descritas por Virgolim e Ourofino e Guimarães. Ou seja, a pesquisa realizada concorda com o diagnóstico feito por especialistas sobre as altas habilidades apresentadas por Maria Cecília.

A respeito das condições e preparo dos educadores de sua escola, especificamente de sua professora, verificou-se que a mesma não possui conhecimento suficiente do tema, que a torne capaz de trabalhar com de acordo com suas necessidades e desenvolver as potencialidades de Maria Cecília. Isso ficou evidente nas observações feitas durante as aulas e na entrevista com a professora. Apesar de admitir que Maria Cecília se destaca muito em relação aos demais colegas, a professora não tem apoio da equipe escolar, para ajudá-la. Contudo, a educadora demonstrou ser esforçada e atenciosa com a aluna em sala de aula.

Todas as leituras e textos produzidos neste trabalho investigativo foram úteis para suscitarem reflexões mais profundas a respeito da superdotação, e principalmente, para compreender como esses alunos são discriminados e, muitas vezes, ignorados no ambiente escolar.

Percebe-se que, mesmo com a instituição de aparatos legais favoráveis e do avanço em pesquisas e teorias sobre o assunto, as políticas públicas relacionadas à inclusão ainda são ineficientes, uma vez que os educadores não possuem capacitação adequada para lidar com a inclusão escolar. É preciso compreender que a inclusão dos possuidores de altas habilidades deve contribuir para que esses sujeitos possam manifestar suas identidades, suas subjetividades e desenvolver suas potencialidades, tornando-se pessoas realizadas. Mais que isso, podem contribuir para um mundo mais livre e justo. Se a família e a escola souberem explorar em Maria Cecília todo o eu elevado potencial criativo, seu afinco pelos estudos, sua curiosidade e interesse pelo conhecimento, seu excelente raciocínio verbal e numérico, sua capacidade de reflexão e imaginação vívida, certamente estarão contribuindo para a construção de uma sociedade mais avançada moral e socialmente.

A partir da realização dessa pesquisa, espera-se que mais pessoas direcionem o olhar para esse tema e que educadores possam tomar consciência da importância e das necessidades que tem um aluno superdotado. Dessa maneira, acredita-se que se evitará que muitos talentos sejam despercebidos e excluídos de seus iguais.

A finalização dessa dissertação apresenta algumas considerações a partir dos dados obtidos, mas é preciso deixar claro que o assunto não está esgotado, pois há muito que se investigar para compreender as necessidades dos alunos com altos potenciais de aprendizagem e que este trabalho longe de ter um ponto final.

Ao finalizar essa pesquisa, tem-se a sensação de que muito do que é necessário e importante foi lido e escrito, mas ao mesmo tempo parece que não foi possível descrever tudo isso neste relatório, ao contrário, ficou algo pra se dizer. Mas isso também é importante, pois haverá continuidade e novos olhares serão direcionados e novas pesquisas surgirão. Nisso está o encanto e a beleza do ato de pesquisar: Há muito o que dizer!

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. **A identificação e o atendimento ao superdotado.**

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98931992000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931992000100005). Acesso em 28/06/16.

\_\_\_\_\_. **Características socioemocionais do superdotado: questões atuais.**  
[www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a18.pdf](http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a18.pdf)

\_\_\_\_\_. **A criatividade no ensino de atenção às diferenças: reflexões acerca da educação de alunos com altas habilidades/superdotação.** 2013.  
[www.revistaconbrasd.org/wp/?p=97](http://www.revistaconbrasd.org/wp/?p=97)

\_\_\_\_\_. **Indivíduos com Altas Habilidades/Superdotação; Clarificando conceitos, desfazendo ideias errôneas.** In: FLEITH, Denise de Souza (Org.). A construção de práticas educacionais para alunos com Altas Habilidades/Superdotação. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. v. 1. Brasília, 2007.

\_\_\_\_\_, E. M. L. S. ; FLEITH, D. S. (2001). **Superdotados: determinantes, educação e ajustamento.** São Paulo: EPU

APAHSO – Associação Paulista para Altas Habilidades/ Superdotação. Disponível em: [apahsd.org.br/](http://apahsd.org.br/)

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Universidade do Ceará. **A educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar - Altas Habilidades/superdotação.** Brasília, 2000.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Saberes e práticas da Inclusão. **Desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com altas habilidades/superdotação.** Brasília, 2006.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.** Brasília, 2001.  
[portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB017\\_2001.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB017_2001.pdf)

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação/SECADI. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação Inclusiva.**  
[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192)

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes Básicas da Educação.** LEI Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_. **Subsídios para organização e funcionamento de serviços de educação especial.** Área de altas habilidades. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial (1995).

CHACON, M.C.M.; MARTINS, B.A. **Alunos precoces no Ensino Fundamental I: quem são essas crianças?** Revista Educação Especial, v. 29, n. 54, jan./abr. 2016.

<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/13710>

COSTA, A. S. **O professor reflexivo e o reconhecimento das altas habilidades/superdotação.** 2012. IX ANPED Sul.

COSTA, M. R. N. da. **Os portadores de altas habilidades e a educação: uma relação de desafios.** In: I Seminário de Inclusão de Pessoas com Altas Habilidades/Superdotados, II Seminário de Inclusão da Pessoa com Necessidades Especiais no Mercado de Trabalho, VI Seminário Capixaba de Educação Inclusiva, Setembro, 2002, Vitória/ES. Anais... Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2002, CD-ROM.

DELOU, C.M.C. **Políticas públicas para a educação de superdotados no Brasil.** Disponível em: <http://www.aspat.kit.net/politicaspUBLICAScdelou.pdf>. Acesso em: 04 mai. 2010.

DELPRETTO, Bárbara Martins de Lima; ZARDO, Sinara Pollom. **Alunos com altas habilidades/superdotação no contexto da educação inclusiva.** p.19-27. In: DELPRETTO, Bárbara Martins de Lima; GIFFONI, Francinete Alves; ZARDO, Sinara Pollom. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar. Altas Habilidades/Superdotação.** v.10. Brasília, 2010.

**Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP: documento eletrônico e impresso.** Parte I (ABNT). 2ª Edição. São Pulo, 2009  
Disponível em: [www.usp.br/prolam/ABNT\\_2011.pdf](http://www.usp.br/prolam/ABNT_2011.pdf).

EXTREMIANA, A. A. **Niños superdotados.** Madri: Pirámide, 2000.

FELDMAN, D. H. (1991). **Nature's gambit: Child prodigies and the development of human potential.** New York: Teachers College Press.(1991)

FELDHUSEN, J. F. **Toward excellence in gifted education.** Denver: Love Publishing.(1985)

FLEITH, Denise de Souza. **A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades / Superdotação.** Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial. Brasília 2007.

FLEITH, D. S. ; GONÇALVES, F. C, **Estudo comparativo entre alunos superdotados e não superdotados em relação à criatividade, inteligência e percepção de clima de sala de aula para criatividade.** 2011  
<http://repositorio.unb.br/handle/10482/8050>

FLEITH, D.S. PRADO, R.M. **O talento em uma perspectiva feminina: características individuais e familiares de pesquisadoras de destaque no Brasil.** 2011.

<http://repositorio.unb.br/handle/10482/8180>

FLEITH, D.S.; LÔBO, T.N.N. **Perfil do aluno superdotado: análise de dossiês de alunos participantes de uma sala de recursos no período de 1999 a 2013.** 2016

<http://repositorio.unb.br/handle/10482/20109>

FLORES, Carmem Mendoza. COLOM, Roberto. **Introdução à Psicologia das Diferenças Individuais.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

FONTES, M.A. BOER, S. **Crianças superdotadas: como identificar e lidar com elas.** 2012

<http://www.plenamente.com.br/artigo/166/criancas-superdotadas-como-identificar-lidar-com.php#.WBKADS0rIdV>

FREEMAN, J. ; GUENTHER, Z. C. (2000). **Educando os mais capazes: Ideias e ações comprovadas.** São

Paulo: EPU. (2000)

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 4. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREITAS, S. N. ; MOSQUERA, J. J. M. ; STOBÄUS, C. D. **Altas habilidades/superdotação: abordagem ao longo da vida.** 2013

<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/5371>

GIL, Antônio Carlos. **Estudo de caso.** São Paulo. Editora Atlas S.A.2009

\_\_\_\_\_. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo. Editora Atlas. 6ªEdição. 2008.

GIFFONI, F.A. **Uma aproximação construtivista à análise e compreensão do desenvolvimento da inteligência em crianças e adolescentes com altas habilidades/superdotação.** 2010

GIRARDI, Giovana. **O cérebro numa régua.** Revista *Época*. Ed.219, nov 2005. Disponível em: <http://super.abril.com.br/ciencia/o-cerebro-numa-regua>

GUIMARÃES, Tânia Gonzaga. **Estudo de caso de um aluno superdotado com transtorno de Asperger: desenvolvimento, características cognitivas e socioemocionais.** Brasília, 2007.

Disponível

em:

[bdtd.ibict.br/vufind/Record/UCB\\_46ec2ee95ee611eca87a8f8dcd31b283/Details](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UCB_46ec2ee95ee611eca87a8f8dcd31b283/Details)



GUENTHER, Z. C. **Capacidade e talento - um programa para a escola**. SP: EPU, 2006.

HAKIM, Cláudia. **Superdotação: Seu filho tem esse dom? 2012**. Disponível em <http://maedecriancassuperdotadas.blogspot.com.br/2012/09/superdotacao-seu-filho-tem-esse-dom.html> . Acesso em 17 agos.2016 ,às 10:10

IORIO, N. M.; CHAVES, F. F.; ANACHE, A. A. **Revisão de literatura sobre aspectos das avaliações para Altas habilidades/superdotação**. Revista Educação Especial, v. 29, n. 55, maio/ago. 2016. <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/17447>

LANDAU, E. **A Coragem de ser superdotado**. Trad. De Sandra Miessa. Altas habilidades em foco. São Paulo: Arte & Ciência Editora (2002).

MATUI, Jiron. **Construtivismo: teoria construtivista sócio-histórica aplicada ao ensino**. São Paulo:Moderna, 1995

MELÃO JUNIOR, Hindenburg. Resumo histórico sobre testes de inteligência. 2003. Disponível em: <http://sigmasociety.com/artigos/historia.pdf>. Acesso em: 16 Ago. 2016, às 16:35

METTRAU, M. B. **Educação Moral, Inteligência e Altas Habilidades in Rumos e Resíduos da MORAL Contemporânea**. Niterói: Muiraquitã. (2007).

\_\_\_\_\_. M. B. **Inteligência patrimônio social**. Rio de Janeiro: Qualitymark Editora Ltda, 2000.

MORELOCK, M.J. FELDMAN, D.H. **Prodigies, savants and Williams syndrome: Windows into talent and cognition**. Em K. A. Heller, F. J. Mönks, R.J. Sternberg & R. F. Subotnik (Orgs.), *International handbook of giftedness and talent* (2<sup>nd</sup> ed., pp. 3-21). Oxford: Elsevier Science.2000

MORENO, F. M.; COSTA, J. L. C.; GÁLVEZ, A. G. **Padres, compañeros y profesores como fuente de información en la identificación del superdotado**. In: SÁNCHEZ, M. D. P. (org) *Identificación, evaluación y atención a la diversidad del superdotado*. Málaga: Aljibe, 1997. cap. II, p. 41-57.

NAPOLEÃO, S.F.; STOBÄUS, C.D. **Olhando as altas habilidades/superdotação com as lentes dos estudos curriculares**. Revista Educação Especial, v.24, n.41, set/dez.2011. <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4371>

OMS. Organização Mundial da Saúde. Disponível em: <http://www.who.int/eportuguese/countries/bra/pt/>

OUROFINO, Vanessa Terezinha Alves Tentes de. GUIARÂES, Tânia Gonzaga. **Características intelectuais, emocionais e sociais do aluno com altas habilidades/ superdotação. A construção de práticas educacionais para**

**alunos com altas habilidades / superdotação.** Volume 1: Orientação a Professores. Organização: Denise de Souza Fleith .Brasília, DF. 2007

PALACIOS, Samuel Gento. MANZANO, Esteban Sánches. **Tratamiento educativo de la diversidad de personas superdotadas.**2009.Disponível em <https://books.google.com.br/books?isbn=8436259785>

PEREIRA, Vera Lucia Palmeira. **A inclusão educacional do aluno superdotado nos contextos regulares de ensino.** Brasília, 2008  
Disponível em: [bdtd.ibict.br/vufind/Record/UCB\\_37e58e109250d4996833acf74515939f](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UCB_37e58e109250d4996833acf74515939f) .  
Acesso em 29/06/16

PÉREZ, S. G. P. B.; FREITAS, S. N. **Estado do Conhecimento na Área de Altas Habilidades/Superdotação no Brasil: Uma Análise das Últimas Décadas.** MG: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), 2009. Disponível em: [http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/trabalho\\_gt\\_15.html](http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/trabalho_gt_15.html) >.

PÉREZ, S. G. **Gasparzinho vai à escola: um estudo sobre as características do aluno com altas habilidades produtivo-criativo.** 306 fl. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Porto Alegre, 2004.

PIAGET, J. **Psicologia da inteligência.** Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1956.

PIMENTA, Felipe. **Resumo da Filosofia de Platão: Teoria das Ideias, Mundo Sensível e Psicologia,** 2013.  
<https://felipepimenta.com/2013/04/03/resumo-da-filosofia-de-platao-teoria-das-ideias-mundo-sensivel-e-psicologia>

RENZULLI, J. S. **O que é esta coisa chamada superdotação, e como a desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos.** Educação. Tradução de Susana Graciela Pérez Barrera Pérez. Porto Alegre – RS, ano XXVII, n. 1, p. 75 - 121, jan/abr. 2004.

\_\_\_\_\_. J. S. **The Three-Ring conception of giftedness. A developmental model for promoting creative productivity.** In R. J. Sternberg & J. E. Davidson (Eds.), *Conceptions of giftedness* (2nd ed., pp. 246-279). New York: Cambridge University Press.(2005)

\_\_\_\_\_. J.S. **The three-ring conception of giftedness.** In: Baum, S. M., Reis, S. M., & Maxfield, L. R. (Eds.). *Nurturing the gifts and talents of primary grade students.* Mansfield Center, Connecticut: Creative Learning Press, 1998. Disponível em: <http://www.sp.uconn.edu/~nrcgt/sem/semart13.html>

\_\_\_\_\_. J. S., REIS, S. M. **The Enrichment Triad/ Revolving Door Model: A schoolwide plan for the development of creative productivity.** Em J. S.

Renzulli, (Org.), *Systems and models for developing programs for the gifted and talented* (pp. 216-266). 1986. Mansfield Center, CT: Creative Learning Press.

ROPOLI, Edilene Aparecida et al. **A educação Especial na perspectiva da Inclusão Escolar: A escola comum inclusiva**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010

SABATELLA, M. L. P. **Talento e superdotação: Problema ou solução**. Curitiba: IBPEX, 2008.

SABATELLA, M.L.; CUPERTINO, C.M.B. **Práticas educacionais de atendimento ao aluno com altas habilidades/superdotação**. In: FLEITH, Denise de Souza (Org) V.1. Orientação a professores. A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação. v.1. Brasília, 2007.

SILVA, Anne Caroline Borges da. **Educação de alunos com altas habilidades**. [http://www.cdn.ueg.br/arquivos/ipora/conteudo\\_compartilhado/5449/EDUCACAO\\_DE\\_ALUNOS\\_COM\\_ALTAS\\_HABILIDADES.pdf](http://www.cdn.ueg.br/arquivos/ipora/conteudo_compartilhado/5449/EDUCACAO_DE_ALUNOS_COM_ALTAS_HABILIDADES.pdf)

SILVEIRA, S. M.; FIGUEIREDO, R. V. de. **A educação interativa, a cooperação e o ensino de atenção às diferenças**. In: FIGUEIREDO, R. V. de (Org.) Escola, Diferença e Inclusão. Fortaleza, Edições UFC, 2010.

VIRGOLIM, Ângela Magda Rodrigues. **Altas Habilidades/Superdotação: encorajando potenciais**. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial. Brasília, 2007.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da Mente**. 6ªed. SP: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L.S., LURIA, A.R. ; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 5ª ed. São Paulo: Ícone, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

WINNER, E. **Crianças Superdotadas: mitos e realidades**. (S. Costa, Trad.). Porto Alegre: Artmed, 1998.

<http://noticias.terra.com.br/educacao/como-e-calculado-o-qi-veja-testes-que-buscam-medir-a-inteligencia,7dd95db27ca4d310VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>. Acesso em 26/05/16

<http://educacaoinclusiva-cladir.blogspot.com.br/2012/06/superdotados.html>.  
Superdotação: seu filho tem esse dom?

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - ENTREVISTA COM A PROFESSORA:

1. A senhora recebeu formação para lecionar com alunos com necessidades especiais?
2. Sabe como identificar um aluno com altas habilidades (superdotação)?
3. A senhora percebe algum comportamento diferente de Maria Cecília? Quais?
4. Foi informada por que motivo a aluna mudou-se de escola?
5. Quando a aluna chegou à escola houve alguma dificuldade de relacionamento e/ou adaptação?
6. Como é o relacionamento dela com as colegas e contigo?
7. O que pensa a respeito da inclusão escolar das crianças com necessidades educacionais especiais?
8. Em relação à aluna observada, você identifica alguma característica especial nela, alguma habilidade que supere a dos colegas?
9. Em sua opinião, os alunos com altas habilidades necessitam de um atendimento especializado na escola?
10. Para você, quais características um aluno com altas habilidades apresentaria?
11. Como é realizada a avaliação em sala de aula?
12. Sente-se devidamente preparada para lidar com alunos superdotados?
13. Se tivesse que identificar um aluno com altas habilidades (dentro os da sua turma), qual (quais) você indicaria?

**APÊNDICE B - ENTREVISTA REALIZADA COM A MÃE****PARTE 1- FATOS OBSERVADOS NAS RELAÇÕES FAMILIARES**

1. Como foi o desenvolvimento infantil da filha de vocês?
2. A partir de qual momento vocês perceberam que ela era uma menina precoce?
3. Na opinião de vocês quais são as habilidades que a filha de vocês apresenta?
4. Como vocês descrevem a personalidade e os comportamentos manifestados pela filha de vocês?
5. A partir de qual idade ela começou a demonstrar interesse pela leitura e escrita?

**PARTE 2 – FATOS OBSERVADOS NAS RELAÇÕES ESCOLARES**

1. Com que idade Maria Cecília ingressou na escola?
2. Como foi a reação de sua filha ao entrar para a escola?
3. Observaram algum comportamento que indicavam que ela não se adequava à escola? Perceberam alguma inquietação ou insatisfação? De que tipo?
4. Por favor, descrevam quais foram os procedimentos que vocês buscaram para a identificação das altas habilidades em sua filha.
5. Quantas escolas ela frequentou?
6. Quais motivos os levaram a mudar sua filha de escola?
7. Qual a percepção de vocês sobre o método de ensino da primeira escola e qual a influência disso para a aprendizagem de sua filha?
8. O que perceberam de diferente no comportamento de sua filha com a mudança de escola no ano passado?
9. Descrevam um fato -na antiga escola - e um fato na nova escola que tenha chamado sua atenção.
10. Como avaliam o método da escola atual? Em que sentido se diferencia da primeira escola?
11. Na escola atual, são realizadas atividades de enriquecimento escolar com sua filha? O que ela comenta a respeito?

**APÊNDICE C- ENTREVISTA REALIZADA COM MARIA CECÍLIA****1. Habilidades e talentos:**

- a. O que você faz naturalmente, sem grande esforço e se sente à vontade quando faz?
- b. Quais são as suas brincadeiras preferidas? E o que lhe empolga nessas brincadeiras?
- c. O que você mais gosta de fazer quando tem tempo livre?

**2. Áreas do conhecimento e experiências:**

- a. O que você mais gosta de estudar nas aulas de :

Ciências

Língua Portuguesa

Matemática

História

Geografia

**3. Traços de personalidade e qualidades positivas:**

- a. Como você reage ao não conseguir resolver uma atividade ?
- b. Você já liderou seus colegas em alguma situação?
- c. O que você faz quando alguém lhe pede ajuda com tarefas em sala de aula?

**4. Realizações mais importantes:**

- a. Em suas atividades fora da escola, o que você mais gosta de fazer?
- b. Você toca algum instrumento musical?
- c. Em viagens, quais lugares você mais gosta de visitar: praias, museus, livrarias.

**5. Pessoas mais importantes da vida:**

- a. Quem são as pessoas mais importantes na sua vida?
- b. Você se relaciona com familiares? (primos, tios)

**6. Ambiente escolar:**

- a. quem são seus melhores amigos?
- b. Você já se sentiu sozinha na escola? Excluída de alguma coisa?
- c. Você já ganhou apelidos na escola? O que você achou?
- d. O que você acha da sua professora?